



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento de Educação

A Exploração das Técnicas de Expressão Plástica na Abordagem Interdisciplinar

Joana Viana Feiteira

Relatório Final para Obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-escolar

Orientadoras:

Professora Celeste Rosa, ISCE

Professora Maria João Delgado, ISCE

setembro, 2014

AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório de mestrado só foi possível graças à colaboração e ao contributo de várias pessoas e instituições às quais gostaria de exprimir algumas palavras de agradecimento e profundo reconhecimento, em particular:

Às orientadoras Maria João Delgado e Celeste Rosa, pela motivação que me souberam transmitir, pelas críticas e sugestões que fizeram e que tanto me ensinaram e pela disponibilidade demonstrada no decurso da elaboração deste relatório.

À Educadora Cooperante, Sandra Guerreiro, que me acompanhou, apoiou e incentivou sem reservas durante todo este percurso.

À minha família, em especial, aos meus pais e irmã, por acreditarem em mim e me apoiarem incondicionalmente ao longo de todo o meu percurso académico

Aos meus amigos, pelo apoio, colaboração, paciência e espírito de interajuda demonstrados.

À outra educadora e assistentes operacionais do Jardim de Infância da Várzea de Sintra pela partilha de experiências e interajuda.

E por fim, ao grupo de crianças da sala Azul que tão bem me acolheram e me proporcionaram muitos e bons momentos de alegria.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

O presente relatório insere-se no âmbito da prática de ensino supervisionada em educação pré-escolar, desenvolvida em contexto de jardim-de-infância e tem como principal objetivo aprofundar a reflexão sobre a mesma, destacando a importância que a exploração das técnicas de Expressão Plástica assumem no processo de ensino e aprendizagem das crianças da educação pré-escolar.

Tendo em conta que o objetivo principal da educação pré-escolar é possibilitar situações de aprendizagem diversificadas e integradas, a Expressão Plástica reveste-se de especial importância visto que é transversal a todas as áreas de conteúdo permitindo a interdisciplinaridade e a articulação de conteúdos, conceitos estes que estão na base do trabalho de projeto, e que se constituem como fundamentais para o sucesso na aprendizagem nesta primeira etapa da educação.

A ação educativa desenvolveu-se numa instituição da rede pública e envolveu vinte e duas crianças com idades compreendidas entre os três e os seis anos.

Como suporte metodológico, seguiu-se a linha orientadora de investigação-ação colocando mais ênfase na pesquisa e no aprofundamento de conhecimento para dar resposta a questões de modo a desenvolver uma ação educativa pré-escolar de qualidade e para o próprio desenvolvimento profissional e pessoal.

As experiências de aprendizagem e informação sobre elas recolhidas através de diferentes fontes e técnicas de recolha de dados, permitem considerar que as atividades de Expressão Plástica se constituem como uma ferramenta pedagógica essencial para desenvolver todas as outras áreas de conteúdo. Devem assim ser valorizadas no sentido de proporcionar às crianças momentos de contacto com a arte em geral, desenvolver o sentido estético e a criatividade através da utilização de técnicas e manuseamento de materiais de Expressão Plástica, ampliando deste modo o seu conhecimento do mundo.

Palavras-Chave: Educação pré-escolar, Expressão Plástica, articulação e interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The current report refers to the supervised teaching practise in pre-school education that was developed in a kindergarten context and has as its main objective to deepen the reflection about this same practise, emphasizing the importance of the exploration of the Plastic Expression techniques in the teaching/ learning process of pre-school children.

Knowing that the main objective of pre-school education is to enable diversified and integrated learning situations, the Plastic Expression is of particular importance since it is in all content areas allowing interdisciplinarity and the articulation of contents, concepts that underlie the project work, and that are fundamental to the success in learning in this early stage of education.

The educational activity was developed in a public institution and involved twenty-two children aged three to six years old.

As a methodological support, we followed the action-inquiry guideline emphasising the research and knowledge deepening to answer questions in order to develop pre-school educational activities with quality and for our own professional and personal development.

Learning experiences and information about them, collected through different sources and techniques of data collection, allow us to consider that the activities of Plastic Expression constitute themselves as an essential pedagogical tool for developing all other content areas. These should thus be valued in order to provide children with moments of contact with art in general, develop their aesthetic sense and creativity through the use of techniques and handling of Plastic Expression materials, thereby expanding their knowledge of the world around them.

Keywords: Pre-school education, Plastic Expression, articulation and interdisciplinarity.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT.....	IV
1. Introdução.....	1
2. Caraterização do Contexto Institucional.....	4
2.1 Contexto Institucional.....	4
2.1.1 Recursos humanos na instituição.	5
2.1.2 Relações com a comunidade educativa.	6
2.1.3 Grupos etários da instituição.	7
2.2 Caraterização do grupo de crianças da Sala Azul.....	9
2.3 Organização do ambiente educativo	12
2.3.1 Organização do espaço sala.....	14
2.3.2 Organização do tempo.....	22
2.3.3 Organização social da sala.	26
3. Enquadramento Teórico	32
3.1 A Educação e a Educação Artística	32
3.1.1 Etimologia do termo educação.	32
3.1.2 Breve perspetiva histórica.	32
3.1.3 A educação artística.	34
3.2 As Orientações Curriculares, as Metas de Aprendizagem e a Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar	36
3.3 Interdisciplinaridade na Educação Pré-Escolar	40
4. Metodologia.....	42
4.1 Abordagem metodológica.....	44
4.2 Sujeitos do estudo	46
4.3. Técnicas de recolha de dados.....	46
4.4 Apresentação e Justificação do plano de ação	49
4.4.1 Teia.....	50
4.4.2 Cronograma.....	51
4.4.3 Considerações éticas.	51

4.5 Implementação do Plano de Ação	51
4.5.1 Atividade 1: o ciclo da água	52
4.5.2. Atividade 2: já chegou a primavera.....	67
4.5.3. Atividade 3: explorar Van Gogh.	73
4.6. Discussão e Avaliação do Plano de Ação	89
5. Reflexões Finais	92
6. Referências Bibliográficas.....	94
Apêndices	98

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Jardim-de-Infância da Várzea de Sintra	4
Figura 2- Espaço Exterior	5
Figura 3 - Espaço Exterior (lateral)	5
Figura 4 – Distribuição das Crianças por Género – Sala Azul	7
Figura 5 – Distribuição das Crianças por Género – Sala Laranja	8
Figura 6 – Número de Crianças por Género	8
Figura 7 – Número de Inscrições	9
Figura 8 – Agregado Familiar	10
Figura 9 – Situação Profissional dos Pais	10
Figura 10 – Número de Irmãos	11
Figura 11 – Componente de Apoio à Família	11
Figura 12 – I. Espaço e Equipamentos	16
Figura 13 - Planta da Sala Azul	17
Figura 14 – Área da Garagem	18
Figura 15 – Tapete	18
Figura 16 – Área da Informática	19
Figura 17 – Área da Casinha	19
Figura 18 – Cantinho da Leitura	20
Figura 19 – Área das Mesas	20
Figura 20 – IV. Atividades	21
Figura 21 – II. Rotinas de Cuidados Pessoais	23
Figura 22 - VI. Estrutura do Programa	25
Figura 23 – III. Linguagem/Raciocínio	26
Figura 24 - Mapa das Presenças	27

Figura 25 – Mapa “Quantos somos?”	28
Figura 26 – Mapa do Tempo	28
Figura 27– Mapa das Tarefas	29
Figura 28 – Calendário	29
Figura 29 – Mapa dos Aniversários	29
Figura 30 – V. Interação	30
Figura 31 – Teia	50
Figura 32 – Cronograma	51
Figura 33 – Método Laban: formação das nuvens	55
Figura 34 – Método Laban: alegria no regresso ao mar	55
Figura 35 – Ilustração da História “A menina gotinha de água”	55
Figura 36 – Desenrolar da Experiência	59
Figura 37 – Registo da Experiência (criança de 5 anos)	60
Figura 38 – Registo da Experiência (criança de 5 anos)	60
Figura 39 – Delinear as Ondas do Mar e Colagem das Bolinhas Feitas em Papel Crepe Branco	63
Figura 40 – Utilização da Técnica da Esponja	63
Figura 41 - Realização dos Contornos do Desenho	63
Figura 42 – O Ciclo da Água da Sala Azul	65
Figura 43 - Realização das Flores com a Técnica da Carimbagem	68
Figura 44 – Pintura do Caule com a Técnica da Carimbagem	68
Figura 45 – Utilização do Dedo como Carimbo	68
Figura 46 – Plantação dos Feijões	71
Figura 47 – Exposição do Copo de cada Criança	71
Figura 48 – Usando as Mãos como Carimbo	75
Figura 49 – Pintura a Dedo	76

Figura 50 – Reconstituição do Quadro “Os girassóis”	76
Figura 51 – Autorretrato de uma Criança de 6 anos	79
Figura 52 – Autorretrato de uma Criança de 5 anos	79
Figura 53 – Elaboração e Colagem da Sequência na Garrafa de Iogurte	81
Figura 54 – Recorte das Pétalas do Girassol	82
Figura 55 – Colagem das Pétalas do Girassol	82
Figura 56 – A prenda do Dia da Mãe	82
Figura 57 – Colocação dos Corantes Alimentares e da Anilina nas Jarras	86
Figura 58 – Colocação dos Cravos nas Jarras	86

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Constituição do Grupo de Acordo com Faixa Etária e o Género	9
Quadro 2 - Rotina Educativa do Jardim-de-Infância.....	24
Quadro 3 - Atividade 1 - O ciclo da água: Expressões artísticas e motoras	56
Quadro 4 - Atividade 1 - O ciclo da água: Estados físicos da água.....	61
Quadro 5 - Atividade 1 - o ciclo da água: Elaboração de um mural.....	66
Quadro 6 - Atividade 2: já chegou a primavera - Carimbagem de flores com garfos.....	69
Quadro 7 - Atividade 2: já chegou a primavera - Germinação do feijão.....	72
Quadro 8 - Atividade 3: explorar Van Gogh - Reconstituição do quadro “Os girassóis”...77	
Quadro 9 - Atividade 3: explorar Van Gogh - O autorretrato a partir da obra de Van Gogh.....	79
Quadro 10 - Atividade 3: explorar Van Gogh - Prenda do dia da mãe a partir do quadro “Os girassóis”.....	83
Quadro 11 - Atividade 3: explorar Van Gogh - Vamos conhecer mais sobre as plantas.....	88

ÍNDICE DE APÊNDICES

Apêndice A- Entrevista Exploratória à Educadora Cooperante.....	98
Apêndice B – Autorização dos Encarregados de Educação	100
Apêndice C – Autorização do Agrupamento de Escolas D. Carlos I	101
Apêndice D – Planificação da Atividade 2: O ciclo da água	102
Apêndice E - Planificação da Atividade 3: Já é Primavera:	
- Carimbagem de flores com garfos	106
Apêndice F- Planificação da Atividade3: Já é Primavera:	
- Germinação do Feijão.....	107
Apêndice G- Planificação da Atividade 4: Explorar Van Gogh	109
Apêndice H- PowerPoint sobre o Ciclo da Água	114
Apêndice I - PowerPoint “O que é um pintor?”	115
Apêndice J – Ficha de registo da experiência concluída	121
Apêndice K – Ficha de Matemática relativa à experiência (conjuntos)	122
Apêndice L – Segunda entrevista à Educadora Cooperante	124

SIGLAS E ACRÓNIMOS

ME- Ministério da Educação

OCEPE- Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar

ECERS-R- Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância

DGIDC- Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

CAF – Componente de Apoio à Família

1. Introdução

O presente Relatório Final foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar, na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (I e II) sendo um dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar pelo Instituto Superior de Ciências Educativas.

Este relatório teve por base a prática pedagógica desenvolvida ao longo do ano letivo 2013/14, na *Sala Azul* do Jardim-de-Infância da Várzea de Sintra, pertencente ao Agrupamento de Escolas D. Carlos I no concelho de Sintra, distrito de Lisboa. Esta sala integra um grupo heterogéneo de vinte e duas crianças com níveis de desenvolvimento cognitivo diferentes e idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade. A prática pedagógica deste grupo é da responsabilidade da educadora cooperante Sandra Guerreiro.

Desde o início da prática supervisionada pude acompanhar a rotina diária educativa de um grupo de crianças, observando o trabalho da educadora e desenvolvendo, sob a sua orientação, algumas atividades planeadas por mim, tendo em conta os documentos orientadores desta Instituição. Após ter tido acesso ao Projeto Curricular da Turma e ter conversado com a educadora, constatei que estas crianças demonstram uma grande motivação para a realização de atividades de Expressão Plástica, quando propostas pela educadora. No entanto, não se propunham a realizar estas tarefas, sem que tivessem sido incentivados. Este comportamento era mais evidente nas crianças que entraram pela primeira vez no Jardim de Infância.

Sabemos, por outro lado, que todos os domínios da Área de Expressão e Comunicação têm uma grande importância no desenvolvimento global da criança, conforme explicitam as Orientações Curriculares. A Expressão Plástica articula-se com todas as áreas, complementando-as e integrando as aprendizagens realizadas.

A implementação de atividades de Expressão Plástica integradas com as outras áreas curriculares, leva à promoção da aprendizagem e à motivação para a prática continuada destas atividades?

Para dar resposta a esta questão de investigação propus-me desenvolver um projeto de investigação-ação tendo como objetivos gerais:

Explorar, com este grupo de crianças, algumas técnicas de Expressão Plástica sustentadas numa abordagem interdisciplinar.

Melhorar a relação das crianças com as atividades de Expressão Plástica, diversificando técnicas e utilização de materiais, de modo a motivá-las para a sua realização.

Assim, através da apresentação de diversas atividades integradas, propusemos promover o contacto com várias técnicas de Expressão Plástica e com a arte em geral, desenvolvendo a motricidade fina, estimulando a criatividade e o sentido estético.

Para o desenvolvimento desta investigação-ação, que assenta numa investigação reflexiva, recorreremos à elaboração de instrumentos de recolha de dados, nomeadamente:

Na fase diagnóstica recorreremos à aplicação de uma entrevista exploratória à educadora cooperante e à observação participante das atividades educativas desenvolvidas com este grupo de crianças na Sala Azul, durante o período de outubro de 2013 a junho de 2014. Para a avaliação do projeto utilizámos os diários reflexivos.

Este relatório segue as normas facultadas pelo Instituto Superior de Ciências Educativas e está organizado em seis capítulos.

O primeiro capítulo faz uma breve contextualização do relatório e apresenta sucintamente o que nele será abordado.

No segundo capítulo procede-se à caracterização do contexto institucional englobando a caracterização do jardim-de-infância onde foi realizada a prática pedagógica, a caracterização do grupo de crianças da *Sala Azul* e a caracterização do ambiente educativo (Organização espacial, temporal e social).

O terceiro capítulo diz respeito ao enquadramento teórico onde se faz referência a conceitos relevantes para o tema em estudo.

No quarto capítulo, faz-se referência à abordagem metodológica, aos sujeitos do estudo, às técnicas de recolha de dados e à apresentação, justificação, implementação e avaliação do plano de ação. Para além disso, ainda consta neste capítulo a apresentação das descrições e reflexões das atividades desenvolvidas remetendo a planificação destas atividades para o Apêndice.

O capítulo cinco consiste nas reflexões finais através de uma análise/pensamento sobre as implicações do plano de ação para a prática profissional futura e as potencialidades e limites do estágio na promoção do desenvolvimento profissional.

No capítulo seis constam as referências bibliográficas, apresentando de seguida os apêndices julgados pertinentes para este relatório.

2. Caraterização do Contexto Institucional

2.1 Contexto Institucional

O jardim-de-infância da Várzea de Sintra é uma instituição de rede pública que está inserida no Agrupamento de Escolas D. Carlos I, cuja escola sede é a EBI D. Carlos I, em Lourel, desde a data da sua constituição em janeiro de 2004. Esta instituição situa-se na rua da Escola Velha, Várzea de Sintra, localidade pertencente à união de freguesias Santa Maria e S. Miguel e S. Martinho.



Figura 1 - Jardim-de-Infância da Várzea de Sintra

Funciona num antigo edifício com duas salas devolutas do primeiro ciclo. O espaço físico do jardim-de-infância é ainda constituído por um refeitório, uma cozinha que não permite a confeção local dos alimentos devido à sua dimensão, três casas de banhos, duas para as crianças e uma para os adultos, e espaços reservados a arrecadações.

A sala é ampla com boa luminosidade natural, como sofreu obras recentemente, encontra-se em bom estado de conservação. Apenas o chão apresenta já sinais de algum desgaste.

O espaço exterior é grande, vedado, que funciona como recreio, equipado com alguns materiais adequados a estas faixas etárias.

Existe ainda neste recreio, um jardim e um pequeno espaço destinado à horta pedagógica.



Figura 2 - Espaço exterior



Figura 3 - Espaço Exterior (lateral)

O horário de funcionamento do Jardim-de-infância é das 8h00 às 19h00. O horário do jardim-de-infância responde à componente letiva e à Componente de Apoio à Família (CAF). A componente letiva decorre entre as 9h00 e 12h00 e das 13h00 às 15h00.

A componente de apoio à família está distribuída por dois períodos. O período da manhã (das 8h00 às 9h00) e o da tarde (das 15h00 às 18h30). A frequência das crianças na CAF depende do horário dos pais. Muitos deles trabalham por turnos e assim a permanência das crianças na CAF é rotativa.

2.1.1 Recursos humanos na instituição.

Relativamente ao número de docentes, nesta instituição existem duas educadoras contratadas (uma responsável pela sala azul, e outra, responsável pela sala laranja) e a docente de ensino especial, que só vem ao jardim-de-infância à terça-feira e à quinta-feira para acompanhar as crianças com necessidades educativas especiais. Há ainda a referir que a educadora titular deste jardim-de-infância está destacada na escola sede do agrupamento, visto que é um elemento da sua direção. Existem duas assistentes operacionais que pertencem à Câmara Municipal de Sintra com funções de apoio às atividades pedagógicas, ao serviço de refeições e à manutenção do espaço e uma cozinheira contratada por uma empresa de trabalho temporário. Fazem também parte desta equipa, uma monitora e uma auxiliar que integram a componente de apoio à família (CAF) e são responsáveis pelo prolongamento de horário.

2.1.2 Relações com a comunidade educativa.

Nas relações com a comunidade educativa são essenciais os contactos entre a escola e a família, o que contribui para o desenvolvimento da criança tal como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE): “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (ME, 1997, p.43).

Assim, reveste-se de grande importância o trabalho com as famílias/comunidade educativa como forma de desenvolver, alargar e enriquecer situações de aprendizagem. Ao abrir as portas da instituição à família, valoriza-se o trabalho desenvolvido pelos seus educandos no jardim-de-infância, promove-se o seu envolvimento e cooperação nas suas atividades escolares, estimula-se e intensifica-se a cooperação dos pais/família na vida do jardim-de-infância.

Nesta instituição, a consecução destes objetivos conta com a participação dos pais na elaboração do projeto educativo, com o acompanhamento do percurso escolar dos filhos através da realização de encontros/reuniões formais e informais e ainda com a colaboração/participação dos pais na dinamização de atividades planeadas pelo educador (com os seus saberes, nas festas, nos jogos, em passeios ou visitas de estudo...) tal como é mencionado nas OCEPE “(...) Os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da sua profissão, colaborar em visitas e passeios, etc.” (ME, 1997, p.45). A divulgação dos projetos e atividades a desenvolver na sala junto dos pais está igualmente contemplada no mesmo documento, que refere: “O educador ao dar conhecimento aos pais e a outros membros da comunidade do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições, favorece um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos.” (p.45)

Os docentes neste Jardim-de-infância desenvolvem um trabalho colaborativo para planificar, organizar e realizar atividades, assim como com outros docentes de escolas do pré-escolar do agrupamento e do primeiro ciclo. “O diálogo e a colaboração entre educadores e professores do 1º ciclo facilitam a transição e uma atitude positiva da criança face à escolaridade obrigatória” (ME, 1997, p.91).

Esta abordagem transversal com vista a uma plena articulação entre a educação pré-escolar e o 1º ciclo do ensino Básico é assegurada através da realização de reuniões formais ou informais entre os vários docentes do agrupamento. Mensalmente realizam-se as reuniões de conselho de Docentes com as restantes Educadoras do Agrupamento, a fim de planificar, estruturar, avaliar e partilhar experiências.

Também há a preocupação de articular com a autarquia, sempre que possível, a Componente de Apoio Familiar (CAF) a nível da planificação e realização de atividades. Esta dimensão de relação e apoio com a comunidade envolvente está também assinalada nas OCEPE:

Porque o projeto educativo do estabelecimento ou território deve ter em conta o meio social em que vivem as crianças e famílias, há vantagens em que inclua a participação de outros parceiros da comunidade, como autarcas e outros serviços e instituições locais que podem contribuir para melhorar a resposta educativa proporcionada às crianças (ME, 1997, p.44).

2.1.3 Grupos etários da instituição.

Neste jardim-de-infância estão matriculadas 43 crianças no total, estando 21 crianças inseridas na sala Laranja e 22 inseridas na sala Azul. A distribuição das crianças por género nestas salas é de 14 rapazes e 8 raparigas na sala Azul (figura 4) e de 13 rapazes e 8 raparigas na sala Laranja (figura5).

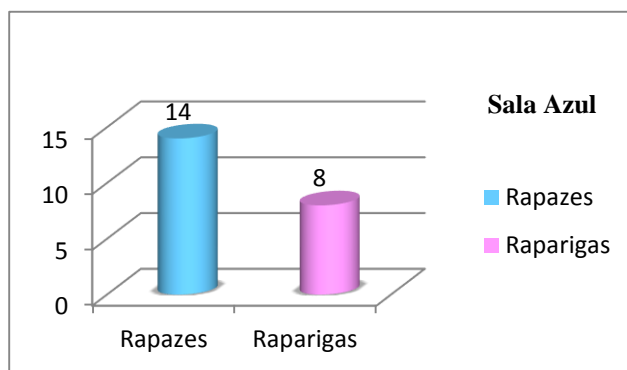


Figura 4 - Distribuição das crianças por género - sala Azul

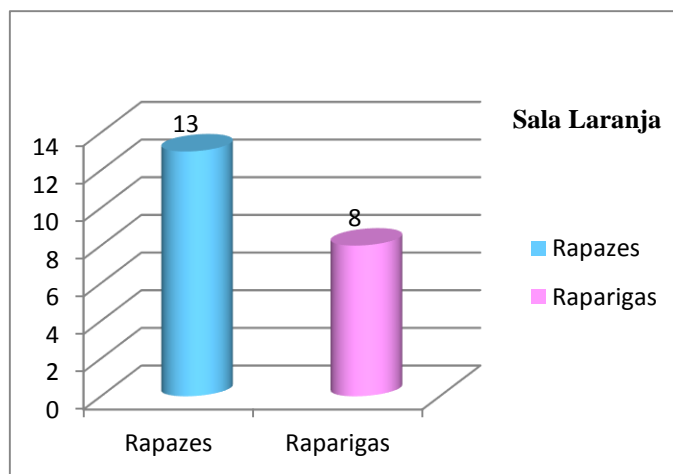


Figura 5 - Distribuição das crianças por género - sala Laranja

Estas crianças têm todas idades compreendidas entre os três e os seis anos, sendo 27 do género masculino e 16 do feminino pelo que os grupos são heterogéneos.

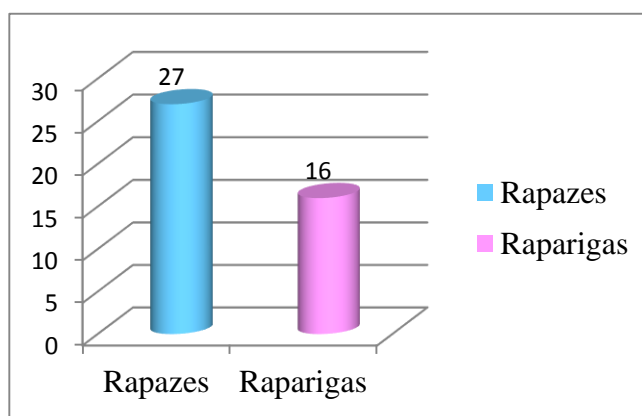


Figura 6 - Número de crianças por género

A constituição dos grupos foi da responsabilidade da direção do agrupamento uma vez que a colocação das educadoras foi tardia devido ao concurso do Ministério da Educação. Os critérios que, geralmente, estão na elaboração dos grupos são a distribuição equilibrada quanto ao género e idade.

2.2 Caracterização do grupo de crianças da Sala Azul

O grupo de crianças da sala Azul está sob a responsabilidade da educadora cooperante e é constituído por 22 crianças, sendo 14 rapazes e 8 raparigas, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

A constituição do grupo de acordo com o género e a faixa etária é a seguinte:

Quadro 1 – Constituição do grupo de acordo com a faixa etária e o género

Idades	Rapazes	Raparigas	Total
6 anos	1	-	1
5 anos	9	6	15
4 anos	2	1	3
3 anos	2	1	3
Total	14	8	22

Estas 22 crianças são todas de nacionalidade portuguesa. Neste grupo, 15 crianças frequentaram esta instituição no ano letivo anterior e transitaram de ano, quatro frequentaram outro jardim-de-infância e três frequentam pela primeira vez esta instituição (figura 7).

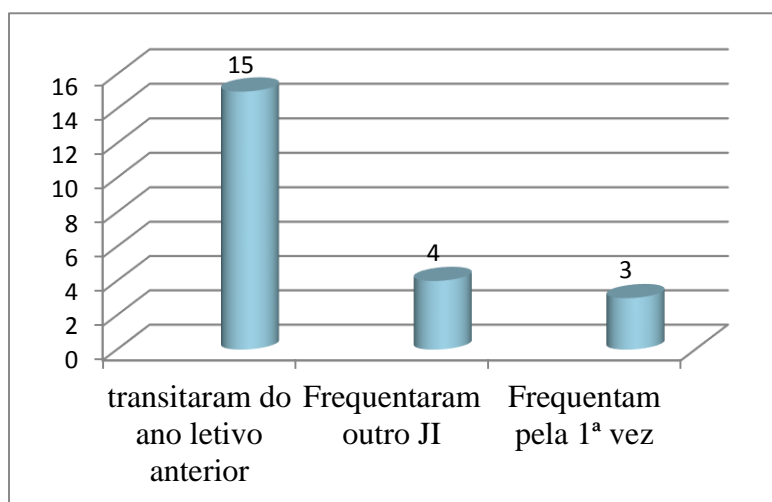


Figura 7 - Número de inscrições

Em relação à constituição do agregado familiar, 19 crianças vivem com ambos os pais e três crianças vivem apenas com um dos pais (agregado familiar monoparental).

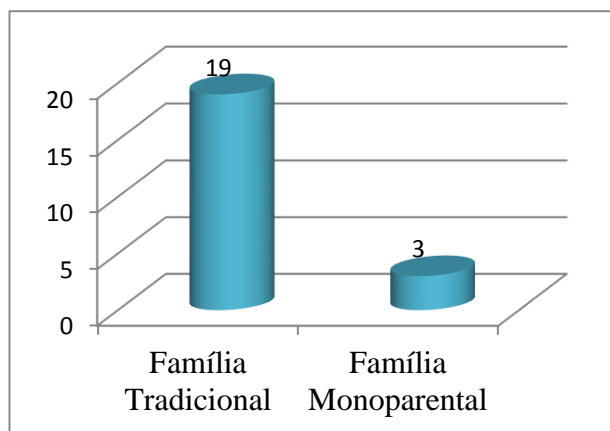


Figura 8 - Agregado familiar

No que diz respeito à situação socioprofissional/habilitações literárias, a maioria dos pais não preencheu estes campos na ficha de inscrição dos filhos, apesar de terem sido pedidos estes dados aos familiares, pelo que não foi possível fazer uma avaliação mais precisa sobre este item. Dos dados que foram conseguidos obter pode-se referir que cinco mães e quatro pais se encontram no desemprego, um pai trabalha por conta própria, enquanto que 14 mães e 10 pais são trabalhadores por conta de outrem.

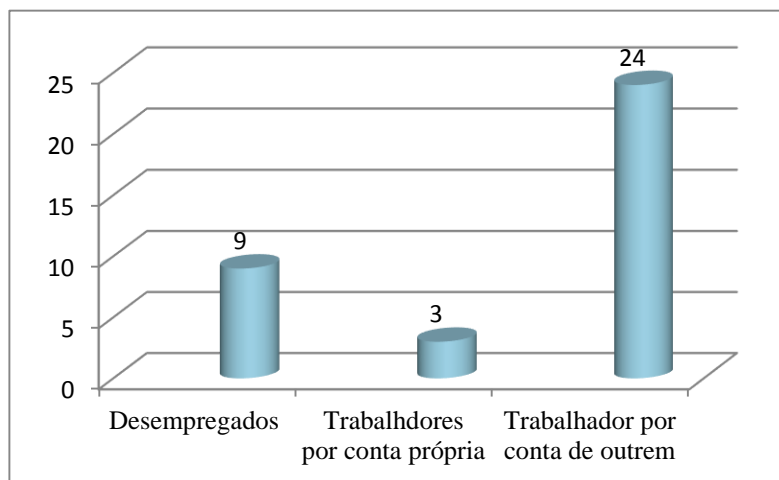


Figura 9- Situação profissional dos pais

Neste grupo, cinco crianças são filhos únicos, 13 têm um irmão e somente quatro têm mais de um irmão.

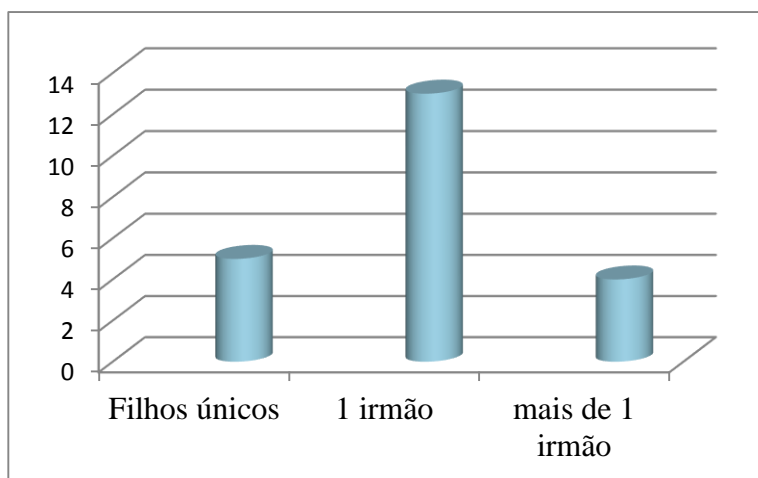


Figura 10 - Número de irmãos

As crianças deste grupo vivem com as respectivas famílias e a maioria dos pais possuem casa própria e moram nas imediações do jardim-de-infância, pelo que vêm para a escola a pé ou no carro de pais /familiares.

Como nesta escola existe a CAF, nove crianças beneficiam deste serviço. As restantes crianças vão para casa dos pais que não se encontram a trabalhar ou para casa dos avós onde aguardam pela chegada dos pais.

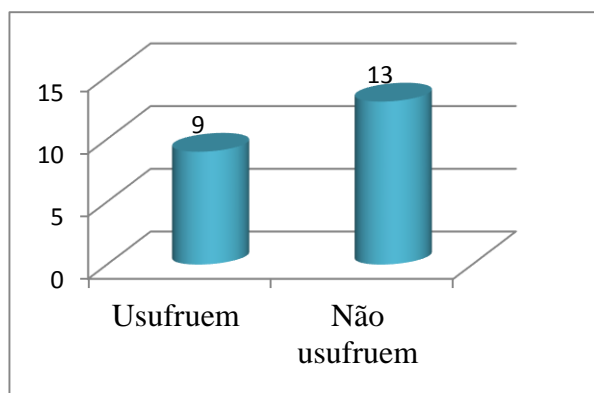


Figura 11 - Componente de Apoio à Família

A partir do diagnóstico feito pela educadora no início do ano letivo que integra o Projeto Curricular de Turma, depreende-se que este grupo de crianças se encontra numa fase de emergência nos diferentes domínios em observação. De um modo geral, são crianças que se adaptaram/readaptaram sem dificuldades ao contexto educativo, são alegres e solidárias, gostam de participar nas atividades de jogos de grupo, de carácter motor e jogos simbólicos. As áreas pelas quais mais se interessam são

as áreas do faz de conta/ casinha, a modelagem e o espaço de informática. No entanto, não revelam muito interesse pelo desenho livre e pela pintura, manifestando dificuldades no domínio desta área de Expressão Plástica, que se revela na dificuldade de organização espacial, na criatividade e também no controlo da motricidade fina.

Apresentam maiores dificuldades na comunicação oral/dificuldades articulatórias e um vocabulário pobre e algumas situações de linguagem imatura.

Manifestam pouca capacidade de atenção, concentração e de autonomia, solicitando frequentemente a ajuda do adulto e têm dificuldade de participação em grande grupo. Neste Plano Curricular de Turma (PCT) está também sinalizada a dificuldade destas crianças em lidarem com a frustração.

Há ainda a referir que neste grupo existem duas crianças com necessidades educativas especiais abrangidas pelo decreto-lei nº3/2008. Uma por apresentar graves problemas de audição e tem acompanhamento em terapia da fala e outra por apresentar uma desarmonia severa no seu desenvolvimento emocional e motor tendo sido pedido um acompanhamento em psicoterapia, terapia ocupacional, terapia da fala e apoio pedagógico na sala. Há ainda duas crianças que foram avaliadas e necessitam de terapia da fala e foram solicitadas avaliações nesta área para outras três crianças. Há também uma criança que foi avaliada, tendo acompanhamento em psicologia e tendo sido encaminhada para fazer um rastreio auditivo face às suas dificuldades ao nível da linguagem. Convém referir que estas crianças estão integradas e são bem aceites por todos.

2.3 Organização do ambiente educativo

Para fazer a caracterização do ambiente educativo da instituição onde realizei a minha prática pedagógica recorri à Escala Avaliação do Ambiente em Educação de Infância (ECERS-R - Early Childhood Environment Rating Scale-Revised).

Esta escala é um instrumento de avaliação da qualidade dos contextos educativos para crianças entre os três e os cinco anos, ou seja, na educação pré-escolar. Baseada na escala concebida por Harms & Clifford em 1980, a escala foi revista em 1998, passando a ser denominada de ECERS-R e resultou do trabalho conjunto de Harms, Clifford e Cryer. Em termos gerais, pode dizer-se que esta escala é uma

ferramenta que possibilita uma perspetiva global do ambiente partilhado por adultos e crianças num contexto formal de educação pré-escolar permitindo a autoavaliação e a monitorização desses contextos e podendo desencadear ações de melhoria. Também é utilizada na formação de educadores de infância como é o caso presente.

A ECERS-R avalia os aspetos de estrutura, como por exemplo, espaço físico, equipamentos, organização dos recursos, etc; e de processo, tendo em conta que a organização do espaço e dos materiais têm influência na promoção de autonomia da criança; que as aprendizagens das crianças se fazem a partir das suas vivências e das atividades que realizam e, ainda, através das interações entre as crianças e os adultos e entre as crianças entre si.

Esta escala tem 43 itens que se organizam em sete subescalas:

1. Espaço e mobiliário
2. Rotinas/Cuidados pessoais
3. Linguagem e raciocínio
4. Atividades
5. Interação
6. Estrutura do programa
7. Pais e pessoal

A cotação de cada item faz-se, como na primeira versão, numa escala de sete pontos correspondendo o valor um a uma situação inadequada; o três, a condições mínimas; o cinco, a boas condições e o sete, a condições excelentes de qualidade. A versão revista da escala apresentou alterações relativamente às cotações intermédias dois, quatro e seis valores que serão assinaladas quando estão presentes pelo menos metade dos indicadores da cotação superior. Para melhor atribuir estas cotações existem notas que explicam ou clarificam algumas situações e ainda questões que podem ajudar a encontrar esses indicadores.

A aplicação desta escala implica um tempo de observação no contexto pré-escolar, seguido de uma entrevista à educadora para completar a informação, devendo-se, no entanto, privilegiar a observação efetuada.

Após a aplicação desta escala ao meu local de estágio, a apresentação da informação recolhida sobre a qualidade do ambiente educativo foi feita sob forma de gráficos.

2.3.1 Organização do espaço sala.

Tendo em mente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) e ainda outros documentos orientadores, a metodologia a ser desenvolvida pretende essencialmente que a criança não seja um mero agente passivo no processo de ensino aprendizagem, mas que esteja em todos os momentos ativamente envolvida na aprendizagem e na construção do conhecimento a partir da interação com o mundo que a rodeia: com pessoas, materiais e ideias. Assim compete à educadora, sem nunca esquecer a intencionalidade educativa, apoiar as crianças na construção desse mesmo conhecimento.

Desta forma, toda a organização educativa está estruturada com o intuito de não haver uma mera transmissão de saberes, nem de modos de estar/fazer, mas que exista, antes, a valorização pessoal e coletiva, a partilha, o cooperativismo e a interajuda.

“O contexto institucional de educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças. (...) Esta organização diz respeito às condições de interacção entre os diferentes intervenientes – entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos – e à gestão de recursos humanos e materiais que implica a prospecção de meios para melhorar as funções educativas da instituição” (ME, 1997, p.31).

Esta temática da organização do ambiente educativo tem sido preocupação de investigadores na área da educação de infância. Se o ambiente educativo for apelativo e estiver bem organizado, vai proporcionar um ambiente propício à aprendizagem. De acordo com Forneiro (2008) para a construção de um bom ambiente de aprendizagem é necessário uma organização estruturada do espaço escolar, que se rege por um conjunto de fatores importantes. Esses fatores visam a valorização do espaço e sobretudo a sua organização para a promoção de vivências escolares significativas entre os pares.

Cuando entramos en un centro educativo las paredes, el mobiliario, su distribución, los espacios muertos, las personas, la decoración, en fin, todo nos habla del tipo de actividades que se realizan, de la comunicación entre los alumnos de los distintos

grupos, de los intereses de alumnos y profesores, de las relaciones con el exterior, etcétera. (s/p)¹.

Ainda de acordo com esta autora, o ambiente de aprendizagem deve obedecer a quatro dimensões: a dimensão física, a dimensão funcional, a dimensão temporal e a dimensão relacional que se interrelacionam e contribuem para a promoção de um bom ambiente educativo.

A dimensão física tem a ver com o espaço em si incluindo o mobiliário e a sua organização distribuição pelo espaço.

A dimensão funcional relaciona-se com o modo de utilização dos espaços a sua versatilidade da aula e o tipo de atividade para que estão destinados. Assim pode haver várias áreas destinadas a vários tipos de atividades mas que também podem ser utilizadas com outro objetivo. Na opinião de Silva (ME, 1997, p.38) “a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo.”

A dimensão temporal relaciona-se com a organização do tempo, feita pelo educador, no momento das atividades e ao longo do dia. Divide-se em momento de atividade livre, de atividade planeada e momento de gestão, serviços e rotinas.

A dimensão relacional tem a ver com as relações estabelecidas entre as crianças dentro da sala de atividades e com a forma como elas acedem aos espaços da mesma.

O papel do educador é fundamental para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças, devendo saber identificar quais são os fatores que se devem ter em conta para que o ambiente de aprendizagem criado atinja os objetivos propostos. Tal como refere Herbert Read (2007) “A atmosfera é a criação do professor” (p.354) e Silva (ME, 1997, p.31) realça que “a organização do ambiente educativo constitui o suporte do trabalho curricular do educador”.

Deste modo, para promover uma aprendizagem significativa nas crianças, deve-se trabalhar, sempre que possível, em pequeno grupo, com o intuito de mais facilmente acompanhar cada criança, sendo desta forma possível obter um conhecimento mais

¹ “Quando entramos num centro educativo as paredes, o mobiliário, a sua distribuição, os espaços mortos, as pessoas, a decoração, enfim, tudo nos fala do tipo de atividades que se realizam, da comunicação dos diferentes grupo, dos interesses dos alunos e professores, das relações com o exterior, etc.” (T.L.)

válido dos saberes e das necessidades individuais de cada uma. Durante estes momentos de trabalho em pequeno grupo, as crianças farão a aquisição de diferentes competências, de uma forma mais autónoma, através da exploração dos diferentes centros de interesse existentes na sala. Esta estratégia tem em conta o facto de estes grupos serem heterogéneos e em diferentes níveis de desenvolvimento. Estes centros de interesse ou áreas são espaços que devem proporcionar diferentes experiências educativas potenciando as suas aprendizagens. Sendo adequadas aos interesses das crianças permitindo-lhes escolher o que querem fazer e trabalhar de forma autónoma.

Para determinar a qualidade do ambiente educativo em termos de organização do espaço sala, tive em conta duas categorias da ECERS-R que se complementam: “I. Espaço e equipamentos” e “IV. Atividades”.

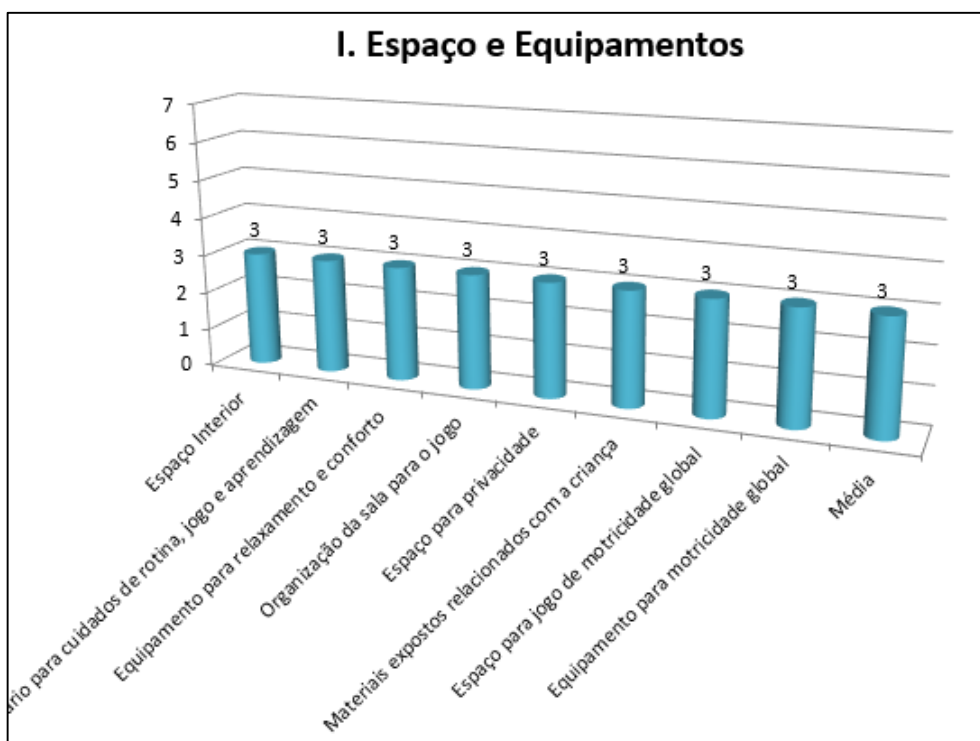


Figura 12 -- I. Espaço e Equipamentos

A categoria “I. Espaço e equipamentos” da ECERS-R, permite avaliar a organização, manutenção e utilização do espaço interior/exterior (incluindo os respetivos equipamentos) e o mobiliário para cuidados de rotina, brincadeiras, aprendizagem, descanso e conforto, assim como, a relação do material exposto com as crianças. Os oito itens desta subescala foram avaliados com uma pontuação média de 3. Daqui se pode concluir que a sala Azul se encontra nos mínimos exigidos. Apesar de

ser uma escola antiga, a sala estava em bom estado de conservação e limpa bem como o seu equipamento. A sala tinha várias áreas para atividades que podiam decorrer ao mesmo tempo e estava decorada com os trabalhos realizados pelas crianças. Em relação aos espaços para motricidade global, só há a mencionar o exterior que era relativamente seguro mas não existiam baloiços, nem escorregas existindo uma casa de madeira. Neste Jardim de Infância não havia espaço interior para motricidade global pelo que quando era necessário os alunos deslocavam-se ao ginásio da escola do 1º ciclo.

Assim, a sala Azul encontrava-se dividida em sete áreas conforme se pode ver na figura 13

Legenda:

- 1 – Área da Pintura;
- 2 – Área da garagem;
- 3 – Tapete;
- 4 – Área da Informática;
- 5 – Área da casinha;
- 6 – Cantinho da leitura;
- 7- Área das mesas.



Figura 13 - Planta da sala Azul

Estas áreas encontravam-se devidamente identificadas com o respetivo nome e imagem associada.

- *Área da Pintura*: nesta área as crianças tinham à sua disposição um cavalete e material de pintura como tintas e pincéis.

- *Área da garagem*: aqui as crianças podiam brincar ao “faz de conta” imitando situações quotidianas. Esta área tinha um número limite de crianças. Só podiam lá estar quatro de cada vez.



Figura 14 – Área da garagem

- *Tapete*: esta área tinha especial importância porque era aqui que se fazia o acolhimento com os respetivos instrumentos de trabalho como mapa das presenças, mapa do tempo, mapa das tarefas e o calendário mensal e se faziam as reuniões em grande grupo. Também era aqui que se contavam histórias, se viam filmes e se ouvia música (vídeo, DVD, televisão, rádio, ecrã de projeção).



Figura 15 - Tapete

- *Área da Informática:* Nesta área existiam três computadores, uma impressora e vários recursos multimédia que eram utilizados tanto pela educadora como pelas crianças na realização de jogos, escrita de frases, etc. O projetor do jardim de infância estava guardado nesta área. Esta área iniciava as crianças na descoberta e no gosto pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.



Figura 16 – Área da Informática

- *Área da casinha:* Esta área tinha a mesma particularidade da área da garagem. Aqui as crianças também recriavam situações do quotidiano com uma mesa, quatro cadeiras, uma poltrona de plástico, três armários, dois fogões, um lava-loiça, loiça de cozinha (tachos, pratos, talheres, copos), uma cama, bonecas e roupa e sapatos. Também havia comida de plástico, uma mercearia com duas máquinas registadoras e material de médicos. Esta área também tinha um número limitado de crianças (cinco).



Figura 17 – Área da casinha

- *Cantinho da leitura*: Situava-se na área do tapete e aqui as crianças tinham à sua disposição livros de vários géneros que se encontravam na estante. Permitir o contacto com os livros, manuseá-los e folheá-los é importante para estimular o gosto pela leitura e pela escrita.



Figura 18 – Cantinho da Leitura

- *Área das mesas*: Esta é a área principal de trabalho. Aqui as crianças faziam todas as atividades propostas pela educadora como por exemplo trabalhos escritos (cantinho da escrita) e manuais, jogos de mesa, plasticina e experiências.



Figura 19 – Área das mesas

Há ainda a referir que os materiais colocados à disposição das crianças, estavam acessíveis nas várias áreas e estas podiam utilizá-los de forma autónoma. Também

podiam escolher a área onde queriam desenvolver as atividades livres desde que respeitassem as regras. No final de cada atividade, as crianças sabiam que deviam arrumar os materiais utilizados.

Nas paredes da sala de atividades, existiam placards onde eram colocados em exposição quinzenalmente/mensalmente os trabalhos das crianças: pinturas, desenhos, colagens, etc de modo a valorizar o resultado das suas aprendizagens.

A categoria “IV. Atividades” permitiu avaliar as diversas atividades realizadas em contexto pré-escolar que estimulam e desenvolvem a motricidade fina, a arte, a música e o movimento, blocos, água/areia, jogo dramático, natureza/ciências, a matemática/número, uso de TV, vídeo e/ou computadores e promovendo a aceitação da diversidade. Os dez itens desta subescala foram avaliados com uma pontuação média de 3,4, dois itens foram cotados com 5, sete itens com 3 e um item 0.

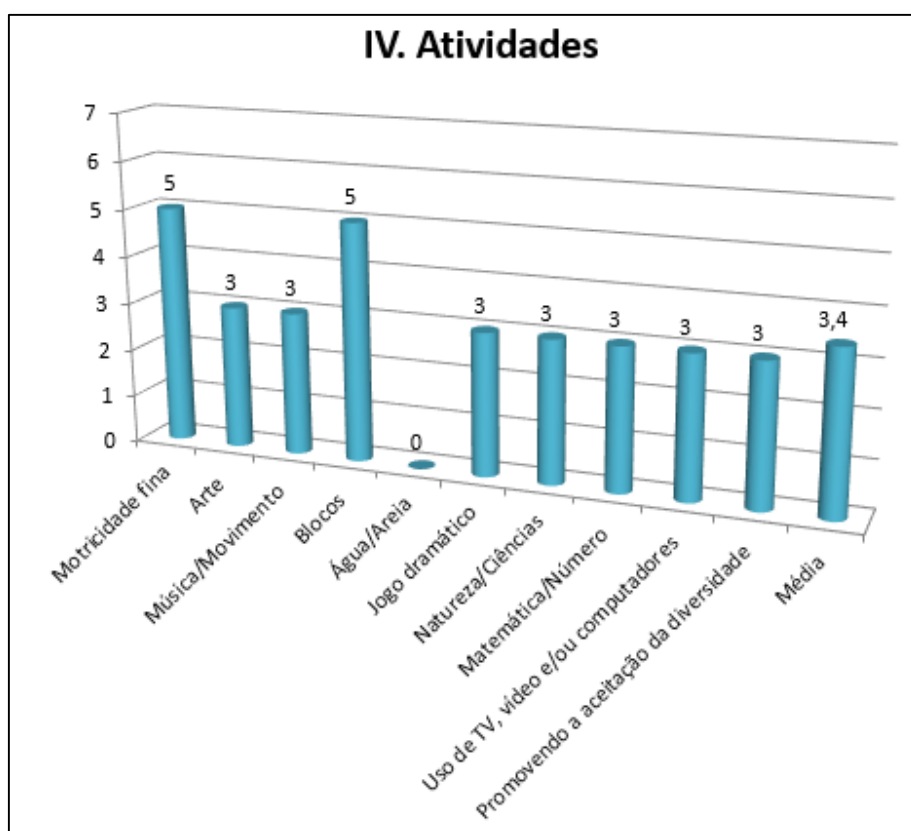


Figura 20 - IV. Atividades

Deste modo, verificou-se que as crianças tinham acesso a equipamentos que lhes permitiam desenvolver a sua motricidade fina com diversos níveis de dificuldade como por exemplo os blocos de construção, puzzles, entre outros que são realizados

num espaço adequado. Eram estimuladas a utilizarem materiais de arte disponíveis e a realizarem atividades de movimento de modo a expressarem a sua criatividade. O item água/areia não foi avaliado visto que não existiam jogos de areia ou água tanto no interior como no exterior. As crianças podiam usufruir da área da “casinha” onde tinham acesso a alguns materiais que lhes permitiam brincar ao “faz de conta”. Não havia uma área de ciências definida na sala. No entanto, havia uma preocupação por parte da educadora em encorajar as crianças a trazerem para o jardim de infância objetos da natureza e a partilharem o seu conhecimento sobre eles. A matemática era trabalhada praticamente todos os dias quando faziam os mapas de presenças e o mapa do tempo (contagens). As novas tecnologias eram utilizadas pontualmente em apresentações e viam televisão/vídeos quando o tempo não lhes permitia ir para o exterior. As atividades realizadas promoviam a aceitação da diferença.

2.3.2 Organização do tempo.

Tal como é realçado por Silva (1997) as rotinas educativas são essenciais para um bom desenvolvimento das atividades

“A sucessão de cada dia ou sessão tem um determinado ritmo existindo deste modo uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações.” (ME, p.40)

A distribuição do tempo educativo far-se-á de um modo flexível, mas pretende-se que corresponda a momentos que se repetirão com uma certa periodicidade, para criar um ambiente mais securizante e no qual as crianças se sintam integradas.

Para avaliar a qualidade do ambiente educativo desta instituição no que diz respeito à organização do tempo, baseei-me na categoria “II. Rotinas de Cuidados Pessoais” que se refere às rotinas de conforto, saúde e bem-estar das crianças, bem como, às práticas de saúde e segurança e “VI. Estrutura do Programa” que inclui itens como o horário, jogo livre, tempo de grupo e condições para crianças com deficiências conforme se pode verificar nas figuras 21 e 22 respetivamente.

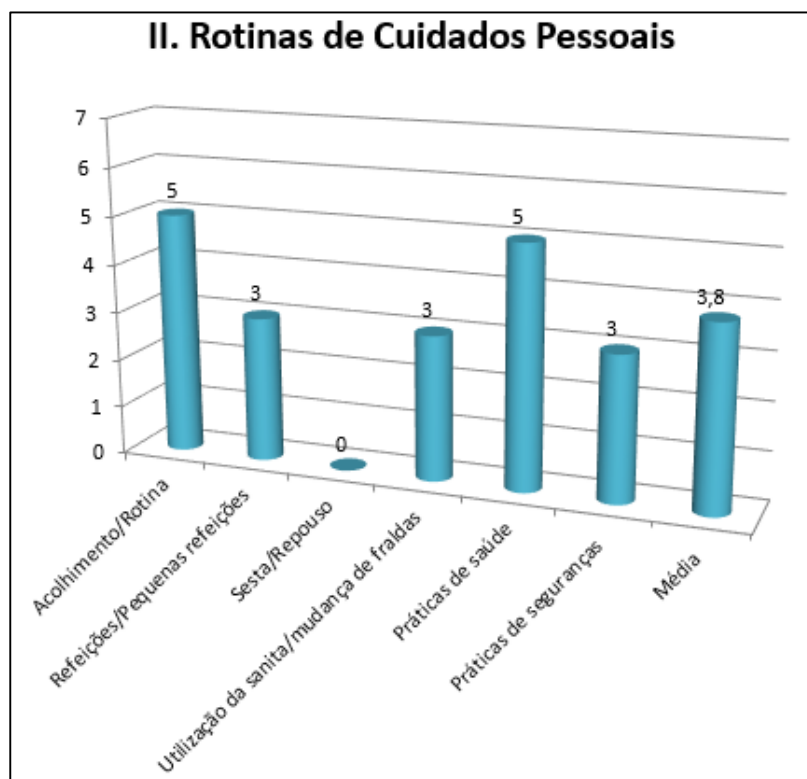


Figura 21 - II. Rotinas de Cuidados Pessoais

No que diz respeito às “Rotinas de cuidados pessoais”, os seis itens desta subescala foram avaliados com uma pontuação média de 3,8, existem portanto dois itens cotados com 5, três itens com 3 e um item cotado com 0

Do que me pude aperceber, tanto as atividades de acolhimento e as rotinas das crianças eram boas (nível 5). Notou-se uma relação de proximidade com as crianças tanto no acolhimento como na despedida. Relativamente aos pais, estes também eram cumprimentados com simpatia.

Durante o dia, sucediam-se momentos de trabalho em grande grupo, pequeno grupo ou individualmente e era possível desenvolver vários tipos de atividades em simultâneo.

As atividades letivas da manhã decorriam após um momento prévio de conversa em grande grupo, durante o qual se contavam as novidades, discutiam os temas que estavam a ser desenvolvidos, partilhavam-se ideias, consultavam-se livros temáticos (quando necessário) e combinavam-se as atividades a realizar durante o dia. O período da manhã era ainda reservado para atividades mais orientadas, que podiam ser em pequeno ou em grande grupo, às quais se seguiam atividades de escolha livre. O

período da tarde, iniciava-se sempre com um momento de leitura/conto/poesia/dramatização, seguido da finalização das atividades da manhã, de acordo com o planeado e com os projetos em curso, terminando assim o tempo letivo com atividades mais livres.

Esta organização temporal procurava ainda integrar as atividades preconizadas no projeto curricular e as inerentes à natural sequência do ano (sazonais e/ou festas), assim como as provenientes dos interesses espontâneos e/ou manifestos pelas crianças. No quadro 2 estão discriminados os momentos do dia da sala Azul:

Quadro 2 - Rotina educativa do Jardim-de-Infância

Horário/dia da semana	2º Feira	3ºFeira	4ºFeira	5ºFeira	6ºFeira
9h00-9h30	Entrada, marcação de presenças e acolhimento				
9h30-10h00	Momento de conversa orientada; discussão de diferentes temas; planificação dos trabalhos a desenvolver				
10h00 -10h30	Trabalhos orientados em pequeno ou grande grupo				
10h30-11h45	Atividades livres (de exterior) /lanche da manhã				
11h45-12h00	Higiene				
12h00-14h00	Almoço e Atividades livres de exterior				
14h00-14h30	Hora do conto				
14h30-14h45	Finalização de trabalhos; Atividades de escolha livre				
14h45-15h00	Lanche/saída				

No que dizia respeito às refeições, existia um horário definido: o lanche da manhã por volta das dez horas e trinta minutos e o da tarde cerca das catorze e quarenta e cinco. O almoço era ao meio-dia. As refeições eram da responsabilidade de uma empresa de restauração sendo supervisionadas pelas auxiliares.

O item sesta/repouso não pode ser avaliado porque era uma instituição que pertencia à rede pública e não era usual esta prática pelo que não havia equipamentos para esse efeito.

Na sala Azul havia duas casas de banho que eram mantidas em bom estado de limpeza. Ao longo do dia, as crianças faziam a sua higiene pessoal sempre que necessário e devidamente supervisionadas. Como já foi referido esta instituição é pública e por isso não aceitava crianças de fralda pelo que o item mudança de fraldas não se aplicou. Verificou-se uma preocupação por parte dos adultos com as práticas de saúde respeitantes ao vestuário, e higiene pessoal das crianças (nível 5).

Relativamente, às práticas de segurança, estava disponível a planta de emergência assim como produtos para primeiros socorros. A escola era segura em relação às entradas e saídas e havia pessoal que supervisionava os espaços de modo a evitar acidentes sendo as crianças incentivadas a cumprir as regras de segurança.

A categoria “VI. Estrutura do Programa” foi cotada com a pontuação média de 3,7, tendo dois itens a cotação 3, um a cotação 5 e um a cotação 0.

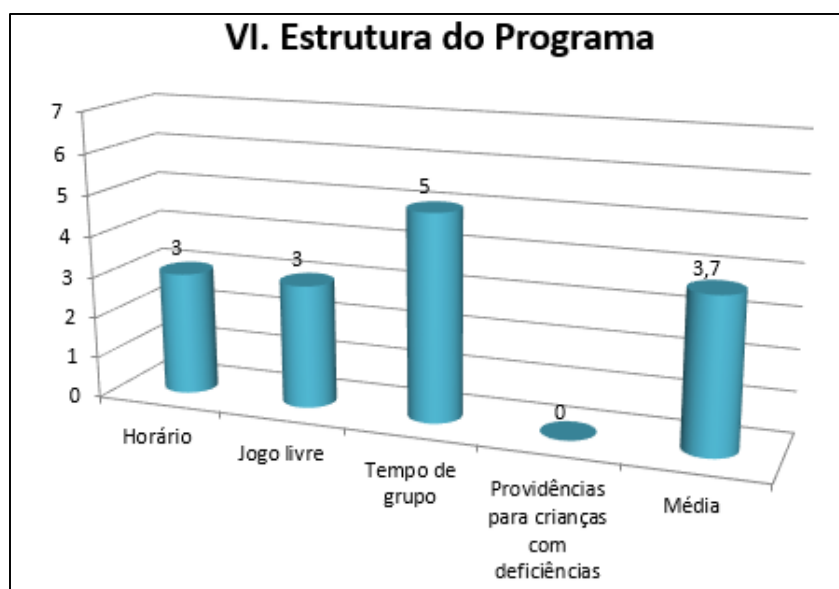


Figura 22 - VI. Estrutura do Programa

Nesta instituição, as crianças conheciam as rotinas diárias e a sua sequência. As atividades que requeriam mais concentração realizavam-se sempre da parte da manhã, reservando-se as atividades livres para a parte da tarde, a não ser que tivessem de terminar alguma tarefa. Todos os dias havia um período destinado para o jogo livre no interior e no exterior (se o tempo permitisse). De um modo geral, as crianças tinham sempre um tempo em grande grupo onde a educadora lhes explicava as atividades do dia, por exemplo. O item “Providências para crianças com deficiências” não foi avaliado porque não se verificava.

2.3.3 Organização social da sala.

Para determinar a qualidade da organização social da sala Azul teve em conta as categorias III. Linguagem e Raciocínio, V. Interação e VII. Pais e Pessoal.

Na categoria “III. Linguagem/raciocínio” avalia-se a forma como materiais, atividades e interações promovem o desenvolvimento da linguagem e ainda o desenvolvimento do raciocínio. Os seis itens desta subescala foram avaliados com pontuação média de 4, sendo dois itens cotados com 5, dois com 3 e um com 4.

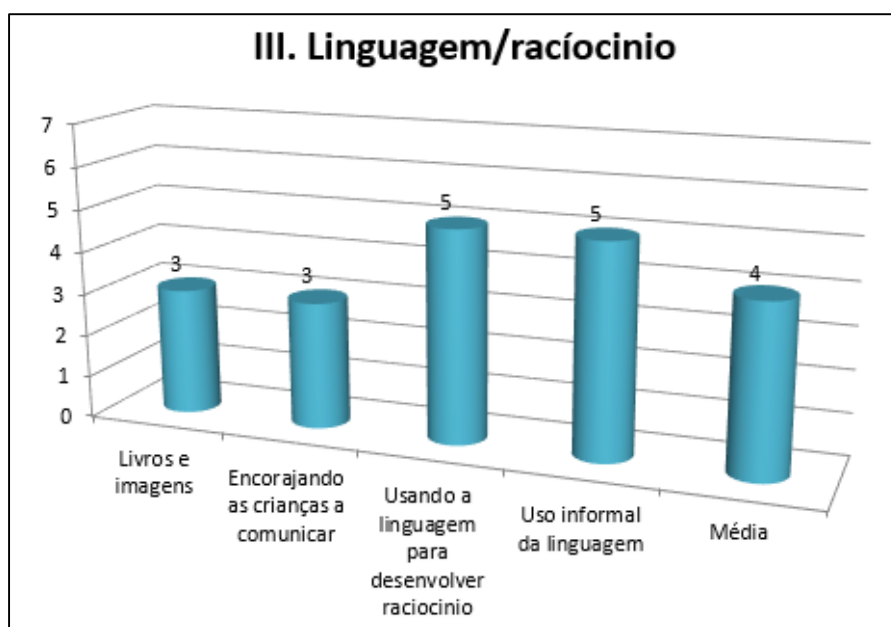


Figura 23 - III. Linguagem/Raciocínio

Assim, as crianças tinham acesso a livros (no Cantinho da leitura) que podiam explorar e realizavam-se várias atividades de leitura como por exemplo, contar histórias, fazer o reconto, observação de capas de livros, entre outras que proporcionavam momentos de comunicação e expressão oral. Durante a realização das atividades propostas havia um acompanhamento das crianças, por parte do adulto, de modo a encorajar a partilha de conhecimentos e a estimular o raciocínio. Também se proporcionavam momentos de comunicação entre criança/adulto e criança/criança onde se recorria ao uso informal da linguagem.

As crianças, desde o início do ano, são incentivadas a participarem na organização da sala, na construção das regras, a tomarem parte nas decisões do grupo, a planearem atividades e projetos individuais e coletivos, estimulando a sua autonomia,

cooperação e responsabilidade, bem como o respeito pelas opiniões, trabalho e liberdade dos outros. “Estas normas e outras regras indispensáveis à vida em comum adquirem maior força e sentido se todo o grupo participar na sua elaboração.” (ME, 1997, p.36).

As regras elaboradas já estão aceites e interiorizadas pela maioria das crianças e as que entraram neste ano letivo têm vindo a interiorizá-las.

Na sala Azul utilizavam-se vários instrumentos de trabalho que apoiavam o planeamento e desenvolvimento das atividades, regulavam o dia a dia do grupo e promoviam a organização social da sala. Alguns destes instrumentos eram construídos no início do ano para que as crianças participassem ativamente na dinâmica da sala. Todos os dias eram preenchidos e possibilitavam às crianças a aquisição e sistematização de conhecimentos em várias áreas. Estes instrumentos de trabalho eram propostos pela educadora e podiam variar de sala para sala dependendo das necessidades/interesses de cada grupo de crianças.

Mapa de presenças- Encontrava-se afixado na parede ao alcance das crianças. Era um mapa mensal que no final de cada mês era “limpo” e voltava a ser preenchido no mês seguinte. Era da responsabilidade do chefe das presenças, eleito no dia anterior, que chamava uma criança de cada vez para colocar uma bola verde para marcar a sua presença. Se a criança faltasse, era o chefe que marcava a falta colocando uma bola vermelha no dia respetivo. Em caso de atrasos, colocavam uma bola amarela. Era um mapa que permitia uma leitura fácil da assiduidade das crianças.



Figura 24 – Mapa das presenças

Mapa “Quantos somos?” – Este mapa complementava o mapa das presenças e mostrava o número de crianças que compareciam no jardim e as que ficavam em casa. Este mapa era da responsabilidade do mesmo chefe que tinha a tarefa de contar as bolas verdes e as amarelas. Depois identificava e escolhia o número para colocar no item “Vieram ao jardim”. Depois repetia o mesmo processo com as bolas vermelhas colocando o número no item “Ficaram em casa”.



Figura 25 – Mapa “Quantos somos?”

Mapa do tempo- Este mapa de dupla entrada também era da responsabilidade do chefe das presenças que ia à janela observar o estado do tempo e depois preenchia o mapa com os símbolos adequados – sol, chuva, céu nublado, nuvens e trovoadas - que a educadora disponibilizava.



Figura 26 – Mapa do tempo

Mapa de tarefas- Este mapa de dupla entrada era preenchido pelo chefe das presenças diariamente. Este ia buscar um nome de uma criança ao mapa das presenças e colocava no dia da semana em questão, à frente da tarefa a realizar a saber: o “Chefe das presenças”, o “Chefe do leite”, o “Chefe do pão” e o “Chefe da sala”.



Figura 27 – Mapa das tarefas

Calendário- era o último mapa a ser preenchido e era mensal. Nele o chefe das presenças escrevia o número do dia em que se encontravam.



Figura 28 – Calendário

Mapa dos aniversários- Foi elaborado pela educadora e estava afixado na parede de forma a ser visto pelas crianças.



Figura 29 – Mapa dos aniversários

Estes mapas permitiam sistematizar várias aprendizagens como por exemplo permitiam a resolução de problemas do quotidiano (contagens e leitura das crianças presentes e ausentes; leitura do calendário mensal; leitura do calendário do tempo), a recolha e análise de dados, favoreciam a emergência da leitura e da escrita, proporcionavam momentos de comunicação e compreensão verbal e desenvolviam a formação pessoal e social.

Relativamente à categoria V. Interação que avalia a supervisão, disciplina, interações pessoal-criança e entre crianças. Os cinco itens desta subescala foram cotados com uma pontuação média de 4,6, tendo quatro itens obtido a cotação 5 e um a cotação 3 conforme a figura 30.

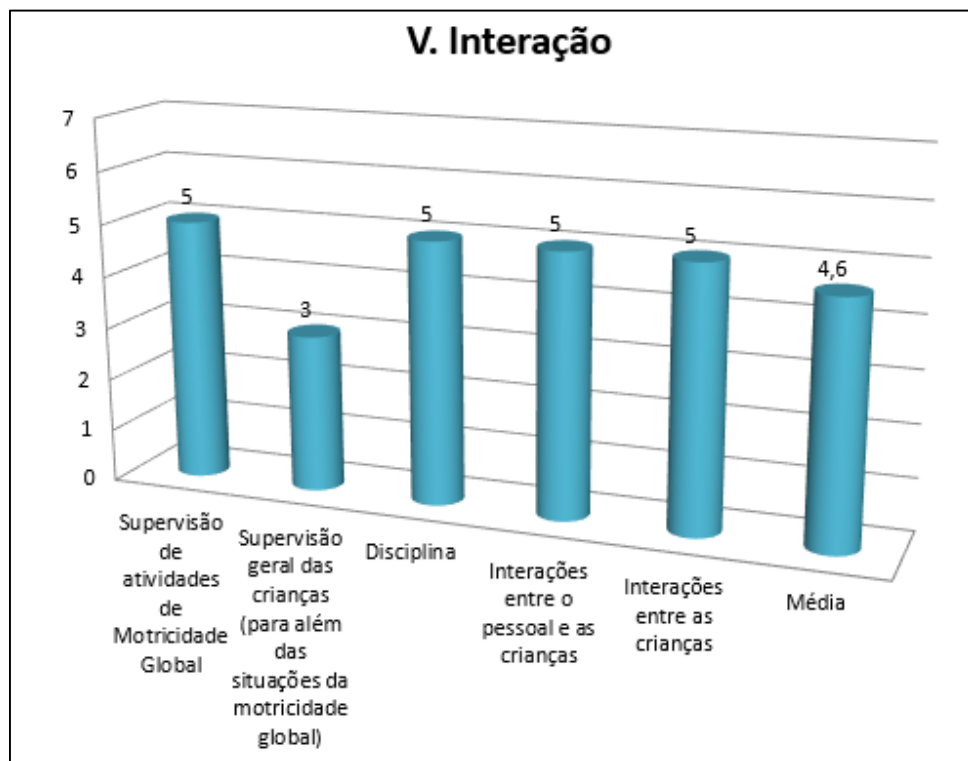


Figura 30 - V. Interação

Constatou-se que havia uma preocupação constante do pessoal em zelar pela segurança do grupo, acompanhando as suas atividades atenta e afetuosamente usando o controlo adequado à situação, tanto no item “Supervisão de atividades de motricidade global” como no item “Supervisão geral das crianças (para além das situações de motricidade global)”, embora o primeiro apresente um resultado um pouco melhor (nível 5). Também na relação entre adultos e crianças havia o cuidado de escutar,

acarinhar, tratar com justiça todas as crianças. De um modo geral, as interações entre os vários elementos desta comunidade eram positivas o que demonstrava um bom ambiente.

Em relação à categoria VII. Pais e Pessoal que avalia o envolvimento dos pais e do pessoal na escola e nas atividades escolares, os seis itens desta subescala foram cotados com a pontuação média de 4, tendo três itens obtido a cotação 5 e três itens obtido a cotação 3.

De um modo geral, os pais/ família eram encorajados a participar ativamente na vida escolar dos seus educandos e eram mantidos informados através de reuniões de pais, recados na caderneta, entre outros. No que diz respeito ao pessoal, havia a referir que tinham acesso a eletrodomésticos para aquecer e refrigerar alimentos (micro-ondas e frigorífico), podiam guardar os seus bens pessoais e tinham pausas ao longo do dia. Para receber algum pai ou outra pessoa só existia o refeitório enquanto que para arrumar materiais se recorria à arrecadação do jardim de infância. O telefone estava acessível numa secretária na receção. Existia um clima de partilha de informação e de trabalho cooperativo entre os elementos do pessoal que costumavam reunir-se para tratar de assuntos relacionados com a escola (recorrendo por vezes à sede de agrupamento) e frequentavam ações de formação.

3. Enquadramento Teórico

3.1 A Educação e a Educação Artística

3.1.1 Etimologia do termo educação.

Educação é um conceito que tem sido objeto de vários estudos ao longo dos tempos em virtude das várias perspetivas que pode englobar, o que impede o facto de haver uma só definição que possa ser aceite por todos, tal como é referido por Sousa (2003).

Ainda segundo Sousa (2003) a etimologia da palavra educação pode apontar duas linhas de pensamento. Tendo como raiz a palavra latina “Educo” deu origem por um lado à palavra “Educat” que transmite a ideia de tratar cuidar originando “Educatio” com o significado de instrução e de ensino; e, por outro, à palavra “Educere” que transmite a ideia de criar, fazer sair, desenvolvimento evolução originando a palavra “Eductio” com o significado de evoluir e de desenvolvimento de capacidades de uma pessoa.

Hoje em dia, a palavra educação, para além de transmitir a ideia de desenvolvimento global do indivíduo, também está associada ao tipo de relação social e ao tipo de formação moral.

Tal como se pode constatar nas definições desta palavra no dicionário Priberam: “(i) Conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito; (ii) Conhecimento e prática dos usos da gente fina; (iii) Instrução, polidez, cortesia.”

3.1.2 Breve perspetiva histórica.

A educação ou ato de educar foi sofrendo alterações ao longo da história. Num primeiro momento, era a família que assumia o papel educativo e as crianças aprendiam por imitação dos adultos. À medida que as sociedades se tornavam mais complexas, surgiram instituições com funções especificamente educativas que asseguravam ou completavam a formação do indivíduo como por exemplo a Igreja católica e as ordens religiosas. Posteriormente, os estados começaram a ter funções de vigilância da educação para depois exercerem funções de organização e de controlo,

acentuando-se estes papéis a partir da idade moderna. Atualmente, a educação é considerada como um direito dos cidadãos, cabendo ao estado assegurá-lo.

O direito á educação está previsto na Declaração dos Direitos do Homem proclamada pela Organização das Nações Unidas, (1948), Artigo 26º:

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. (...)
3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

Também na Declaração dos Direitos da Criança, proclamada pela resolução da Assembleia Geral 1386 (XIV) de 20 de Novembro de 1959, Princípio 7º, podemos ler:

A criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus elementares. Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade.

Assim, pode-se concluir que a educação é um direito fundamental e que cabe á família e, depois, ao estado assegurar esse direito.

O documento orientador da República Portuguesa, a Constituição da República, define os moldes em que se processa a educação de um individuo. Afirma que todos têm direito á educação (artº73º) e ao ensino (artº74º) e atribui esse papel aos pais e á família com o apoio do estado “ Os pais têm o direito e o dever de educação e manutenção dos filhos “ (artº36º.5); “Cooperar com os pais na educação dos filhos;” (Artº67º1).

Segundo Sousa (2003), os objetivos gerais da educação, ou seja as metas educacionais da nação estão enunciados no artigo 73º, ponto 2 e são: Desenvolvimento da Personalidade, Progresso Social e Participação Democrática na Vida Colectiva, onde se prevê uma educação que tenha em conta as características e necessidades específicas de cada individuo, que possibilite a melhoria do seu bem estar pessoal e lhe permita liberdade de escolha do seu percurso educacional.

Outro documento que se deve ter em conta neste domínio é a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (Lei nº46/86) que estrutura o sistema educativo em educação pré-escolar, educação escolar e educação extra-escolar. A educação escolar está, por sua vez, organizada em ensino básico, ensino secundário e ensino superior, referenciando ainda um conjunto de modalidades especiais de ensino. A LBSE parte dos pressupostos da Constituição da República acima enunciados. Assim, no art.º 1º ponto um define sistema educativo

O sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade.

Nos artigos seguintes (art.º 2º, Princípios Gerais, e 3º, Princípios Organizativos), a LBSE faz referência a “uma clara definição educacional voltada para o desenvolvimento da personalidade e para os valores espirituais, estéticos e morais” (Sousa, 2003).

Daqui se pode depreender que o sistema educativo se deverá organizar de modo a, por um lado, proporcionar conhecimentos científicos e técnicos e, por outro, favorecer o desenvolvimento da personalidade através da criação de “áreas curriculares que proporcionem com a mesma ponderação, o desenvolvimento biológico, afectivo, cognitivo, social e motor da pessoa (...)” (Sousa, 2003) o que aponta para uma educação global.

3.1.3 A educação artística.

Manuel Carmelo Rosa (2010) refere a importância da educação artística, que se destina a “assegurar a formação básica no domínio das artes (...) a todos os alunos (...). Cabe, por isso, tratá-la no sistema educativo nos primeiros anos de escolaridade onde se assegura a formação básica dos alunos” (p.1). As artes têm assim um papel importante na formação integral e harmoniosa do indivíduo possibilitando o desenvolvimento da sua personalidade, da sua imaginação e criatividade um dos grandes objetivos da educação.

Através do Decreto-Lei nº344/90, de 2 de novembro que estabelece as bases gerais da organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar são

apontados, então, no art.º 2º, os grandes objetivos da educação artística, de onde se destacam:

- a) Estimular e desenvolver as diferentes formas de comunicação e expressão artística, bem como a imaginação criativa, integrando-as de forma a assegurar um desenvolvimento sensorial, motor e afectivo equilibrado;
- b) Promover o conhecimento das diversas linguagens artísticas e proporcionar um conjunto variado de experiências nestas áreas, de modo a estender o âmbito da formação global;
- c) Educar a sensibilidade estética e desenvolver a capacidade crítica;
- d) Fomentar práticas artísticas individuais e de grupo, visando a compreensão das suas linguagens e o estímulo à criatividade, bem como o apoio à ocupação criativa de tempos livres com actividades de natureza artística;

Estes objetivos são transversais a todos os níveis de ensino desde o pré-escolar até ao secundário, passando a ser considerada educação artística genérica “que se destina a todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos nalguma área, sendo considerada parte integrante indispensável da educação geral.” (Dec. – Lei 344/90, art.º 7º)

A nível da educação pré-escolar, esta educação artística está contemplada nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e englobada na área de Expressão e Comunicação que é “considerada uma área básica de conteúdos porque incide sobre aspectos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar aprender ao longo da vida.” (ME, p.56). Esta área subdivide-se em vários domínios entre os quais o domínio das expressões que tem quatro vertentes: a expressão motora, a expressão dramática, a expressão musical e a Expressão Plástica que se complementam mutuamente, cabendo ao educador promover e orientar este tipo de actividades educativas. Estas formas de expressão “(...) indicando algumas das suas relações, são também meios de comunicação que apelam para uma sensibilização estética e exigem o progressivo domínio de instrumentos e técnicas.(...)” (ME, p.57)

No seguimento do atrás exposto, o contacto das crianças com a arte ou a sua “experiência artística pode ser vivida através de três formas distintas: através da

execução (aplicando técnicas), através da criação (criando algo novo) e através da apreciação (contactando obras de outros)” (Godinho, p.10)

3.2 As Orientações Curriculares, as Metas de Aprendizagem e a Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar apresentadas em 1997 por um grupo de profissionais liderados por Isabel Lopes da Silva constituem-se como “pontos de apoio para a prática pedagógica de todos os educadores” (ME, p.7). É a este documento que os educadores recorrem para nortear o processo educativo a desenvolver com as crianças.

Nos seus objetivos gerais pedagógicos definidos para a educação pré-escolar surge, entre outros o objetivo: “Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas, como meios de relação de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo.” (ME, p.15). Este objetivo está diretamente relacionado com áreas de conteúdo que se complementam: a área de Expressão e Comunicação que engloba três domínios: o domínio das expressões (expressão motora, expressão dramática, expressão musical e Expressão Plástica), o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da matemática e a área de Conhecimento do Mundo e a da Formação Pessoal e Social. Convém referir que o processo de aprendizagem da criança na Educação Pré-Escolar se deve fazer apostando na articulação de todas estas áreas. Cabe ao educador ter esse papel, tal como é referido por Silva (1997)

[o educador] Articula a abordagem das diferentes áreas e domínios inscritos em cada uma, de modo a que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções e objetivos educativos e que tenha sentido para a criança. Esta articulação poderá partir da escolha de uma “entrada” por uma área ou domínio para chegar a todos os outros (ME, p.50).

Segundo Silva (1997), a Expressão Plástica é um domínio que é transversal a outras áreas ou domínios, enriquecendo as aprendizagens das crianças. Esta ideia é complementada por Mónica Oliveira que refere: “A Expressão Plástica não pode justificar-se exclusivamente por auxiliar outras áreas do saber, por isso deve estruturar-se de uma forma autónoma” (ME, 2007, p.66). Daqui se pode concluir que cada vez mais a Expressão Plástica tem o seu papel na aprendizagem da criança e não uma mera

atividade para a entreter. Ainda de acordo com esta autora, a Expressão Plástica tem por objetivo o desenvolvimento de diversas competências

O campo de actuação da Expressão Plástica ampliou-se, assim como os seus conteúdos e objectivos e, conseqüentemente, as competências a adquirir pelas crianças. Esta área é entendida como uma linguagem própria, autónoma, composta por um código específico que deve ser trabalhado com as crianças a fim de **desenvolver diversas competências** (ME, 2007, p.63).

Deste modo, quer seja por iniciativa da criança ou por iniciativa do educador, a realização destas atividades permite desenvolver a motricidade fina e a criatividade e o sentido estético, a aquisição de saberes sociais como por exemplo interação social, a responsabilidade, o respeito pelo outro e constituem-se como situações educativas “as atividades de Expressão Plástica tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento das crianças que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho.” (ME, 1997 p.61)

Tendo em conta que é através da Expressão Plástica que a criança pode exteriorizar os seus sentimentos e emoções e refletir o modo como observa o mundo que a rodeia, através da manipulação de materiais de forma criativa e imaginativa, é utilizada frequentemente para “documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido” (ME, 1997, p.62).

Para estes autores “a Expressão Plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a código próprios que são mediadores desta forma de expressão.” (ME,1997, p.61). Assim, na realização de atividades de Expressão Plástica as crianças manuseiam e exploram diferentes materiais (tamanhos, cores, texturas), instrumentos e utilização de diferentes técnicas sendo as mais frequentes na educação pré-escolar “ o desenho, pintura, digitinta bem como raspagem, recorte e colagem” (ME, 1997, p.61). Outra das especificidades destas atividades são a responsabilidade pelos materiais e sua correta utilização, a reutilização de materiais e o respeito pelo trabalho dos outros.

Tanto as técnicas como os materiais utilizados “constituem uma das principais preocupações pedagógicas, pois que é através delas que a criança se poderá expressar e criar.” (Sousa, 2003, p.183). Ainda segundo este autor, estas estão diretamente ligadas

com o desenvolvimento global da criança. No início do ano, estes vão sendo introduzidos e apresentados às crianças, tendo em conta as suas capacidades e necessidades e os objetivos que se pretendem atingir. Com o desenrolar das atividades, as crianças vão aprendendo a dominar essas técnicas e materiais e a cuidar deles, passando a outros mais exigentes “À medida que as suas experiências se enriquecem, ela vai tendo uma cada vez maior necessidade de variedade de técnicas e materiais para se expressar convenientemente.” (Sousa, 2003, p.183). Desta forma, o educador tem, assim, uma perceção geral do desenvolvimento da criança.

A Expressão Plástica também está contemplada nas Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar. Estas foram elaboradas tendo por base as Orientações Curriculares para a Educação pré-Escolar e foram definidas de forma a constituírem-se como um referencial comum para o trabalho dos educadores que assim podem proporcionar às crianças o seu “desenvolvimento e a construção articulada do saber, numa abordagem integrada e globalizante das diferentes áreas” tal como é referido pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação (2012). Neste documento, o domínio da Expressão Plástica está incluído na área de Expressões e Comunicação, o qual menciona “as metas propostas para estas várias vertentes estão organizadas de acordo com domínios de aprendizagem que são comuns a todo o ensino artístico ao longo da escolaridade básica” mais uma vez com a preocupação e a intencionalidade da ideia de progressão, articulação e continuidade. Neste documento orientador são apresentados quatro domínios da Expressão Plástica, nomeadamente, o Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação, a Compreensão das Artes no Contexto, a Apropriação da Linguagem Elementar das Artes e o Desenvolvimento da Criatividade que, por sua vez, se subdividem nos subdomínios respetivamente da Produção e Criação, da Fruição e Contemplação, da Fruição e Contemplação/Produção e Criação e da Reflexão e Interpretação, que se traduzem em nove metas que as crianças deverão atingir no final desta etapa na área da Expressão Plástica. De um modo geral, prevê-se que as crianças possam expressar as suas vivências de uma forma criativa através da utilização de várias técnicas características desta área e possam ainda contactar com formas visuais variadas, isto é, obras de arte, objetos culturais).

Conforme atrás mencionado, são várias as técnicas que comumente são usadas em Expressão Plástica, pelo que apresentamos de seguida algumas:

Desenho – “O desenho é uma atividade independente da pintura, constituindo a forma mais natural e elementar da Expressão Plástica da criança.” (Sousa, 2003, p.195). Esta atividade é aquela que mais é utilizada no quotidiano da Educação Pré-Escolar “porque de acesso mais fácil” (ME, 1997 p.64). Na sua realização, a criança, treina, aperfeiçoa e desenvolve as suas capacidades “de coordenação visuo-neuromotora” (Sousa, 2003, p.196). Para além disso, o desenho espelha o processo de desenvolvimento da criança, cabendo ao educador estar atento a esse aspeto.

Para a realização dos desenhos a criança pode utilizar vários suportes (quadro, mesa, chão, e em diferentes tipos de papéis, com gramagem, cor e texturas diferentes) e vários materiais (lápiz de cor, de cera, canetas de feltro, tintas, pincéis), entre outros.

Recorte e colagem – Este tipo de atividades de exploração expressivo-criativa são muito apreciadas na educação Pré-Escolar e são técnicas muito simples. Geralmente, tanto nos recortes como nas colagens é o papel o material mais utilizado. O papel pode ser recortado à mão (rasgagem) ou com tesoura adequada à faixa etária a que se destina que depois se pode colar para fazer uma composição.

A colagem também pode ser utilizada com outros materiais de diferentes texturas, sobrepostos, colocados lado a lado, por exemplo, massinhas, algodão, elementos da natureza, etc. tudo depende da imaginação.

Pintura – Esta é outra técnica muito comum na exploração das atividades de expressão plástica. No entanto, as tintas e os pincéis, sendo bastante atrativos para as crianças, oferecem algumas dificuldades de manuseamento para muitas delas. Dentro da pintura, salientam-se as técnicas da digitinta, da pintura a dedo ou com esponja, através das quais a criança explora a textura, as sensações, a criatividade e a cor, desenvolvendo a motricidade fina e a imaginação.

Carimbagem - Esta técnica de Expressão Plástica é rápida, fácil, divertida e uma forma eficaz de repetir um desenho numa grande variedade de superfícies, usando misturas diferentes de tintas. Os carimbos são fáceis de executar com vários materiais e pode-se ainda utilizar partes do corpo, como as mãos e os pés.

Modelagem – “Modelar é o acto de dar forma a qualquer matéria plástica, isto é qualquer matéria que mantenha a forma que se lhe dá” (Sousa, 2003, p.255).

A modelagem é uma atividade que, para além do trabalho manual (as crianças utilizam ambas as mãos), exige atividade mental ao permitir que as crianças imaginem o que

vão modelar. É uma atividade bastante apelativa porque os trabalhos são realizados em três dimensões, ao contrário do desenho e da pintura que são bidimensionais. Os materiais utilizados tem de ser maleáveis como a plasticina, o barro, a massa de sal podendo mesmo ser utilizada pasta de papel.

3.3 Interdisciplinaridade na Educação Pré-Escolar

De acordo com o dicionário Priberam de Língua Portuguesa, interdisciplinaridade é definida como a qualidade do que é interdisciplinar tendo o termo interdisciplinar dois significados: um que implica relações entre várias disciplinas ou áreas de conhecimento e outro que refere que é comum a várias disciplinas. Destas definições conclui-se que interdisciplinaridade implica uma relação entre várias disciplinas ou áreas de conhecimento.

O trabalho interdisciplinar na educação pré-escolar é o mais comum, uma vez que no desenvolvimento de qualquer projeto se tentam fazer aprendizagens integradas através da articulação de várias áreas de conteúdo, tal como é referido por Silva (ME, 1997, p.48) “as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente.”

A interdisciplinaridade está diretamente relacionada com a metodologia do trabalho de projeto. Para Katz e Chard (2009, p.3) um projeto “consiste em explorar e investigar um tema” que diga respeito às experiências quotidianas das crianças, ou seja “é normalmente inspirado no mundo que mais diretamente as rodeia”. Ainda de acordo com Katz e Chard (2009), o trabalho de projeto tem como prioridades desenvolver a mente das crianças, promover a aquisição de conhecimentos e o trabalho em equipa.

Segundo Vasconcelos (2011, p.20) “O trabalho de projecto afirma uma criança investigadora, aposta no interface e na migração entre as diferentes áreas do saber e disciplinas para a resolução de um problema – a interdisciplinaridade no sentido da inter-relação dos saberes”, isto quer dizer que o trabalho de projeto é uma mais valia, pois cruza as diferentes áreas e faz com que a criança tenha a necessidade de procurar resposta para um problema.

Este método apresenta três fases de desenvolvimento:

Primeira fase- planeamento e início que tem como finalidade “criar uma base de trabalho comum a todas as crianças a partir das informações, ideias e experiências que elas já possuem sobre o tema”

Segunda fase – desenvolvimento dos projetos cujo objetivo é “permitir que as crianças adquiram novas informações e conhecimentos”

Terceira fase – reflexões e conclusões que pretende ajudar as crianças “a fazer um resumo do que aprenderam”

No desenrolar destas fases, que se articulam entre si e que podem dar origem a outros projetos pelo caminho, o educador “orienta de forma intencional todas estas atividades” (Katz & Chard, 2009, p.11)

O papel do educador neste tipo de atividades reveste-se de especial importância uma vez que “cabe ao educador planejar situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e estimular cada criança apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só.” (ME, 1997, p.26).

O educador deve conhecer o grupo, saber quais as suas necessidades e interesses para então, partindo das vivências quotidianas das crianças, propor atividades que respondam adequadamente às necessidades sentidas proporcionando aprendizagens diversificadas e integradoras.

4. Metodologia

Qualquer investigação que se realize tem de seguir um modelo. Na investigação educacional, o paradigma que mais se adequa a este contexto é o paradigma crítico, uma vez que o seu objetivo não é só entender os acontecimentos mas perspetivar mudanças e tomada de decisões como é o caso da investigação-ação. A investigação –ação assenta tanto métodos qualitativos como quantitativos; no entanto, privilegia a abordagem qualitativa. O paradigma crítico tem semelhanças com o paradigma interpretativo porém tem um cariz mais interventivo com vista a uma transformação, neste caso da prática pedagógica.

Os métodos a utilizar dependem do estudo a realizar porque, de acordo com Sousa (2009, p.32), “Não haverá (...) uns métodos melhores que outros, mas métodos que melhor ou pior servem o estudo pretendido”.

Há dois tipos de abordagem, a quantitativa e a qualitativa, que se podem usar ou não simultaneamente. A abordagem quantitativa, na opinião de Freixo (2010), “constitui-se como um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis. É baseado na observação de factos objectivos, de acontecimentos e de fenómenos que existem independentemente do investigador.” ou seja, está mais relacionada com o método científico. A grande vantagem deste tipo de abordagem é que permite a objetividade e a generalização dos resultados. O objetivo da abordagem qualitativa, pelo contrário, segundo Freixo (2010, p.146) “é descrever ou interpretar (os fenómenos) mais do que avaliar”. O investigador recorre ao ambiente natural, que é a fonte direta de dados, analisando-o de forma indutiva através de várias técnicas de recolha de dados como por exemplo observação, entrevistas, registos fotográficos, auto-reflexão do investigador, entre outras. Ao investigador que recorre a esta abordagem interessa-lhe mais compreender e refletir sobre o processo uma vez que faz parte dele. Este tipo de abordagem é característico da investigação sobre a prática, isto é, a investigação-ação.

Quando se fala em investigar a própria prática em contexto educacional implica falar do professor reflexivo. O professor reflexivo é aquele que analisa a sua prática letiva daí retirando conclusões para a reformular, melhorar e desenvolver. Tal como é referido por Oliveira e Serrazina (s/d) “Uma prática reflexiva confere poder aos professores e proporciona oportunidades para o seu desenvolvimento (p.1) e “A reflexão fornece oportunidades para voltar atrás e rever acontecimentos e práticas.” (p.1).

Vários autores, como Dewey e Schön citados por Oliveira e Serrazina, consideram a reflexão fundamental para o trabalho de um professor. O primeiro considera que há reflexão quando há um problema a resolver e assim investiga no sentido de procurar a solução, o segundo faz a distinção entre três tipos de reflexão: a reflexão na ação (que ocorre durante a prática), a reflexão sobre a ação (que ocorre depois da prática) e a reflexão sobre a reflexão na ação (esta última ocorre quando se faz uma análise retrospectiva do que aconteceu). Segundo Schön, citado por Oliveira e Serrazina (s/d, p.4) “reflectir sobre o momento da reflexão na acção, isto é, sobre o que aconteceu, o que o profissional observou, que significado atribui e que outros significados pode atribuir ao que aconteceu”.

Tal como atrás foi mencionado, o professor reflexivo tenta não só compreender melhor a sua prática através da investigação individual ou coletiva, como procura melhorá-la ”os professores que reflectem em acção e sobre a acção estão envolvidos num processo investigativo, não só tentando compreender-se a si próprios melhor como professores, mas também procurando melhorar o seu ensino.” (Oliveira e Serrazina, s/d, p.7).

De acordo com estas autoras, a prática reflexiva “proporciona aos professores oportunidades para o seu desenvolvimento, tornando-os profissionais mais responsáveis, melhores e mais conscientes” (s/d, p.10) e é através dela que partimos para a ação promovendo-se as transformações necessárias.

Segundo Ponte, no seu dia a dia, o professor procura desenvolver a sua prática tendo em conta vários aspetos como o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a consecução do projeto educativo e a promoção das relações entre a comunidade educativa. Porém, no decorrer deste processo depara-se com desafios que tem de superar e para isso tem de investigar a sua prática, avaliá-la e reformula-la se for necessário tal como é referido por Ponte há “a necessidade do professor se envolver em investigação que o ajude a lidar com os problemas da sua prática” (Ponte, p.2) o que leva à “exploração constante da prática e a sua permanente avaliação e reformulação” (p.2). Outro fator bastante importante para uma boa prática letiva é o conhecimento dos alunos, das suas necessidades e interesses, assim como de toda a comunidade educativa e do meio onde está inserido pois, como diz Ponte, “um ensino bem sucedido requer que os professores examinem continuamente a sua relação com os alunos, os colegas, os pais e o seu contexto de trabalho.” (p.2). Para conseguir atingir este objetivo o professor deve antes de mais ter uma atitude investigativa e questionadora para que consiga dar resposta problemas com que se

depara e agir em conformidade. Deste modo, reveste-se de especial importância investigar a própria prática profissional.

Na opinião de Ponte,

A investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma actividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem activamente. (Ponte, p.3)

Este autor apresenta ainda quatro motivos para um professor investigar a sua prática profissional

(i) para se assumirem como autênticos protagonistas no campo curricular e profissional, tendo mais meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática; (ii) como modo privilegiado de desenvolvimento profissional e organizacional; (iii) para contribuírem para a construção de um património de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional; e (iv) como contribuição para o conhecimento mais geral sobre os problemas educativos.

Destas palavras se pode concluir que a investigação tem um papel fundamental para um professor empenhado e interessado em melhorar a sua prática profissional e contribuir para uma reflexão sobre a educação.

4.1 Abordagem metodológica

A metodologia utilizada foi a investigação-ação. Segundo Ponte, este conceito foi proposto pelo psicólogo social Kurt Lewin, que propôs uma investigação-ação como “uma sucessão de ciclos” que implicava uma descrição dos problemas, elaboração de um plano de ação, aplicação desse mesmo plano de ação, sua avaliação o que levaria à sua reformulação e assim sucessivamente. Todo este processo implica também uma atitude reflexiva sobre o que se está a desenvolver. Este tipo de investigação “baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da acção pedagógica e lidando com os problemas concretos localizados na situação imediata” (Sousa, 2009, p.96).

As características da investigação–ação são segundo Hodginkson (1957), citado por Sousa (2009, p.98), um meio de remediar problemas diagnosticados em situações específicas, ou de procurar algumas vias para a sua resolução; de formação em serviço dos professores levando-os a serem investigadores e desenvolverem-se profissionalmente; e de promover a reformulação e inovação no contexto educacional promovendo o trabalho conjunto de professores e alunos. Sousa (2009, p.98) aponta, ainda, vantagens e desvantagens da investigação–ação. As vantagens que destaco são o facto de ser uma investigação situacional, levada a cabo pelo professor, com os seus alunos, na sua sala de aula; os seus objetivos são específicos sendo derivados de problemas práticos da ação educacional quotidiana, os alunos são observados pelos seus trabalhos no seu contexto escolar, é participativa e motivadora envolvendo professores e alunos no mesmo projeto, há lugar a uma avaliação da ação e dos seus resultados permitindo uma reformulação. Quanto às desvantagens refiro o facto de não ter o rigor científico de uma verdadeira investigação experimental não sendo os resultados generalizáveis.

Na opinião de Ponte, para se fazer uma boa investigação é essencial “Aprender a formular boas questões é, por isso, um requisito fundamental para se fazer investigação.” (Ponte, p.14) visto que é isso que orienta toda a investigação. Essa também é a opinião de Sousa (2009) “O problema é o objectivo da investigação (...) é a pergunta para a qual desejamos saber a resposta” (p.44).

Uma vez que esta minha investigação implicava perceber de que modo as técnicas de Expressão Plástica poderiam ter um papel relevante na abordagem interdisciplinar, a metodologia utilizada foi principalmente a investigação–ação e consequentemente a abordagem qualitativa que é aquela que é característica deste tipo de metodologia. Estando o tema/problema definido e a revisão da literatura concluída, procedi à estruturação daquilo que queria ver respondido e selecionei os instrumentos de recolha de dados mais adequados ao meu estudo e os sujeitos do estudo que já estavam de antemão escolhidos: o grupo de crianças da sala Azul. Durante este meu estágio e através das atividades propostas por mim, pude então proceder à recolha de dados e respetiva análise o que permitiu uma descrição de todo o processo e a sua avaliação.

4.2 Sujeitos do estudo

Os destinatários deste meu trabalho foram o grupo de crianças da sala Azul que participou em todas as atividades. No entanto, selecionei quatro crianças de diferentes faixas etárias para acompanhar mais de perto, durante a realização das mesmas. São elas:

- Um menino (H) de três anos que frequentava este jardim de infância pela primeira vez. Era uma criança que apresentava comportamentos opostos. Na maioria das vezes, não se mostrava interessado pelas atividades realizadas.

- Uma menina (L) de três anos que frequentava pela primeira vez o jardim de infância. Era uma criança que não mostrava interesse por nenhuma atividade e tinha deficit de atenção. Para além disso, não tinha rotinas definidas nem hábitos de criança como por exemplo, brincar com as outras crianças.

- Um menino (J.P.) de cinco anos. Era uma criança com necessidades educativas especiais, que apresentava um relatório inconclusivo e era acompanhado em diversas terapias, nomeadamente psicoterapia, terapia da fala, terapia ocupacional, psicologia e neurologia. Revelava um deficit de atenção muito elevado e ficava frustrada com muita facilidade. Apresentava ainda problemas de coordenação motora e comprometimento ao nível do seu desenvolvimento social mas cognitivamente, apresentava um desenvolvimento adequado à sua faixa etária. Encontra-se medicado para controlar a sua impulsividade e a sua ansiedade.

- Uma menina (M.F.) de seis anos que já frequentava o Jardim de Infância há três anos. Revelava um desenvolvimento global harmonioso.

4.3. Técnicas de recolha de dados

De acordo com Bisquerra (1989) citado por Sousa (2009, p.181), “Técnicas de recolha de dados são os meios técnicos que se utilizam para registar as observações ou facilitar o tratamento experimental”. Para a elaboração deste relatório foi necessário fazer uma recolha de dados, própria de uma investigação qualitativa, que pudessem documentar e apoiar todo este trabalho. Assim, para efetuar esta recolha de dados recorri a vários instrumentos que estão ao alcance do investigador em educação, nomeadamente a entrevista, a observação, os registos fotográficos e o diário de bordo que possibilitam depois um cruzamento da informação obtida.

A entrevista é um método de recolha de dados bastante adequados para a obtenção de informação sobre a opinião das pessoas sobre um determinado tema. Deve-se previamente elaborar um guião da entrevista que servirá de base à mesma. Este guião contém geralmente um conjunto de questões, na sua maioria abertas que implica resposta livre, sobre o tema que queremos tratar. Na realização da entrevista, é necessário criar um ambiente propício à sua realização, promovendo um clima de confiança entre entrevistador e entrevistado de modo a concretizar-se sem constrangimento algum.

A finalidade da primeira entrevista à educadora cooperante do jardim de infância onde realizei a prática pedagógica realizada no início do ano letivo, foi conhecer a sua opinião sobre o lugar das atividades de Expressão Plástica no quotidiano do jardim de infância e de como as crianças reagem a estas atividades (Apêndice A). A segunda entrevista foi realizada após a conclusão do plano de ação com a finalidade de conhecer a opinião/avaliação da educadora cooperante sobre as atividades desenvolvidas (Apêndice L).

Outra das técnicas bastante utilizadas em investigação educacional é a observação. Neste método, o investigador observa (podendo às vezes participar) os participantes no seu contexto. A observação auxilia o investigador a identificar e a obter evidências a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento. Durante a realização da observação, o observador pode ser participante quando se integra na comunidade que está a observar, ou não participante quando mantém contacto com essa comunidade mas não se integra nela. No meu caso particular, as observações que realizei podem ser classificadas de participantes uma vez que estava inserida no grupo interagindo com ele. Durante este período, foi dada atenção às interações estabelecidas e ao grau de envolvimento das crianças na realização das atividades propostas. Posso ainda classificar esta observação de não estruturada ou não sistematizada como refere Sousa (2009) visto que fui recolhendo e registando as informações recolhidas sem recorrer a meios técnicos especiais. Segundo este autor “O observador, sem ter nada previamente planeado, apenas fica atento aos acontecimentos, registando—sem meios técnicos especiais e sem perguntas directas—aqueles comportamentos ou acções que sucedem casualmente e que poderão eventualmente possuir significado para a investigação” (Sousa, 2009, p.114). A importância da observação está patente nas OCEPE onde se refere que a partir desta se pode “dispor de elementos que possam ser periodicamente analisados,

de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem da criança. A observação consistiu deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo.” (ME, 1997, p.25). Esta observação incidiu principalmente no grau de envolvimento das crianças nas atividades propostas, na utilização de diferentes técnicas de Expressão Plástica e no produto do seu trabalho.

Outro dos instrumentos de recolha de dados é o diário de bordo cujo objetivo é o registo de todas as notas feitas pelo investigador retiradas das observações em contexto. Bogdan e Bilken, citados por Araújo et al (2008, p.14) referem que essas notas são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Durante a minha prática letiva, fui tirando essas notas que depois me serviram de base para realizar as reflexões e descrições das atividades.

Os registos fotográficos também se revestem de importância neste trabalho porque permitem documentar o desenrolar de todas as atividades. A fotografia complementa a observação do investigador e a sua análise possibilita a recolha de mais dados qualitativos/descritivos do processo. Ao longo deste relatório, surgem vários registos fotográficos que ilustram alguns momentos da minha prática pedagógica.

Selecionei estes instrumentos de recolha de dados porque são os mais adequados ao estudo que realizei. A entrevista (Apêndice A) foi elaborada à educadora cooperante no início do ano letivo com a intenção de conhecer o lugar que a Expressão Plástica tem no quotidiano do jardim de Infância, se eram privilegiadas estas atividades no processo de ensino e aprendizagem e a atitude das crianças face a esta área. Após análise da mesma foi possível verificar que a educadora cooperante proporcionava atividades deste tipo às crianças no entanto, estas não mostravam muito interesse nem procuravam fazer atividades nesta área. As observações, os registos fotográficos e o diário de bordo destinaram-se a orientar e documentar o dia a dia da minha prática letiva tendo como sujeitos as crianças.

4.4 Apresentação e Justificação do plano de ação

Para chegar ao tema que pretendi desenvolver, tive como primeira preocupação, observar o contexto educativo em que me encontrava: conhecer a sua organização e funcionamento, as características e necessidades do grupo de crianças, com o apoio da educadora cooperante, responsável pela sala. Surgiu então uma problemática que envolvia a área da Expressão Plástica. Assim sendo, o presente plano de ação foi desenvolvido tendo em vista, por um lado, perceber a importância da exploração de técnicas de Expressão Plástica no desenvolvimento de atividades de várias áreas de conteúdo no jardim-de-infância constituindo-se assim como uma área integradora visto que se articula e complementa essas outras áreas. Deste modo, procurei utilizar várias técnicas de Expressão Plástica sugeridas nas OCEPE numa abordagem interdisciplinar entre várias áreas de conteúdo. Por outro lado, também para dar resposta a uma das necessidades de algumas crianças do grupo que apresentavam dificuldades e pouca motivação na realização de atividades deste tipo.

As expressões, entre as quais a Expressão Plástica, incluídas na área de Expressão e Comunicação, têm grande importância no desenvolvimento global da criança. A Expressão Plástica é transversal a todas as áreas com as quais se articula, complementando-as e integrando as aprendizagens realizadas sendo por isso um fator de enriquecimento. Assim, nas minhas planificações introduzi sempre atividades que promovessem a interdisciplinaridade entre a Expressão Plástica e outras áreas de conteúdo que fossem motivadoras e que permitissem estimular o gosto pelas artes e desenvolver a criatividade e o sentido estético. Essas atividades foram desenvolvidas em pequeno ou grande grupo, dependendo da sua natureza. Cabe ao educador proporcionar às crianças os primeiros contactos as formas visuais, com a arte e com os seus criadores e sensibilizá-las para a sua beleza. Segundo Sousa (2003, p.160) “a Expressão Plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidade e na satisfação das suas necessidades”.

4.4.1 Teia.

Na Figura 31 é apresentado a teia referente às atividades que foram realizadas para o relatório.

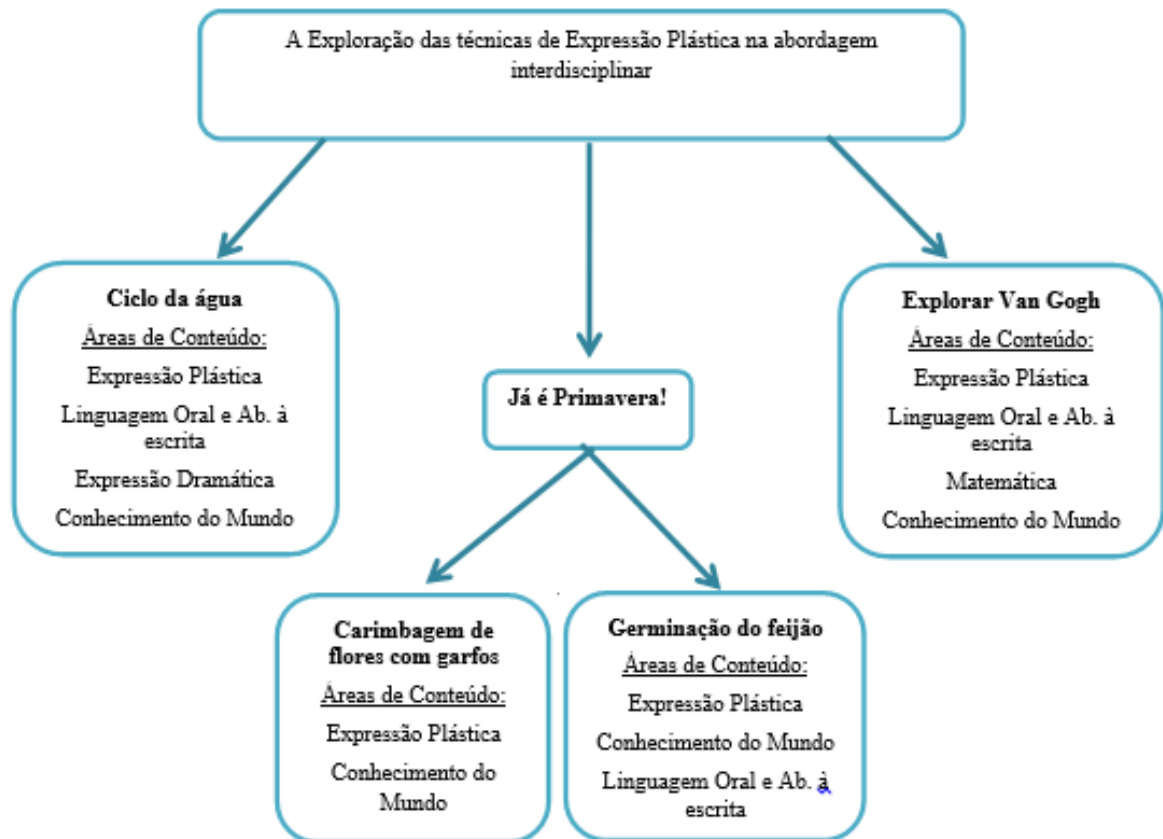


Figura 31 - Teia

4.4.2 Cronograma.

			outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	junho	julho	agosto	setembro
Fases do Projeto	1ª fase	Seleção da problemática												
		Pesquisa/enquadramento teórico												
		Atividade 1 - O ciclo da água												
		1.1 - Método Laban: Ciclo da água												
		1.2 - Estados físicos da água (atividade experimental)												
		1.3-Elaboração de um mural sobre o ciclo da água												
		Atividade 2 - Já chegou a Primavera												
		2.1 - Carimbagem de flores com garfos												
		2.2 - Germinação do feijão (atividade experimental)												
		Atividade 3 - Explorar Van Gogh												
		3.1 - Reconstituição do quadro "Os girassóis"												
		3.2 - Elaboração de um autorretrato												
		3.3 - Prenda do dia mãe a partir do quadro "Os girassóis"												
		3.4 - Vamos conhecer mais sobre as plantas (atividade experimental)												
		Organização dos dados												
		3ª fase	Análise dos dados											
			Elaboração do relatório final											
			Redação final											
			Entrega do relatório Final											

Figura 32- Cronograma

4.4.3 Considerações éticas.

Para a realização destas atividades foram pedidas autorizações aos Encarregados de Educação (Apêndice B), a fim de as crianças serem fotografadas. De modo a considerarmos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, os nomes das crianças serão referidos apenas com as suas iniciais. Também foi solicitada à direção do agrupamento de escolas D. Carlos I a autorização para utilizar o nome do Jardim-de-Infância (Apêndice C).

4.5 Implementação do Plano de Ação

Durante a prática pedagógica foram realizadas diversas atividades, no entanto neste relatório apenas irei apresentar as que constam no cronograma, sendo que todas têm o mesmo objetivo, de promover o contacto com a arte nas suas variadas formas, desenvolver o sentido estético e a criatividade e proporcionar a utilização de técnicas e materiais para produzir a sua “obra de arte” no sentido de encorajar as crianças a gostar mais da área de Expressão Plástica. Algumas destas atividades estão subdivididas noutras delas decorrentes. São elas:

Atividade 1: O Ciclo da Água

- Ciclo da água: Expressões artísticas e motoras.
- Estados físicos da água (atividade experimental).
- Elaboração de um mural sobre o ciclo da água.

Atividade 2: Já chegou a Primavera:

- Carimbagem de flores com garfos.
- Germinação do Feijão (atividade experimental).

Atividade 3: Explorar Van Gogh:

- Reconstituição do quadro “Os girassóis”.
- Elaboração de um autorretrato.
- Prenda do dia da mãe a partir do quadro “Os girassóis”.
- Vamos conhecer mais sobre as plantas? (atividade experimental).

4.5.1 Atividade 1: o ciclo da água.

4.5.1.1. Método laban: ciclo da água.

A planificação encontra-se no Apêndice D.

- **Objetivos:**

- Dramatizar o ciclo da água a partir da história “A Menina Gotinha de água”.
- Promover atividades que, no domínio do jogo dramático, permitam o desenvolvimento da expressão corporal, de forma a desenvolver a capacidade narrativa e a comunicação verbal e não-verbal.
- Desenvolver a motricidade fina.
- Promover a correta manipulação dos materiais.
- Desenvolver a criatividade.

- **Áreas de conteúdo:**

- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Expressão Dramática.
- Expressão Plástica.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho das crianças.
- Diálogo para verificação da compreensão da história.
- Exploração dos parâmetros do corpo, esforço, forma e relação.
- Atenção e concentração demonstradas no seguimento das instruções.
- Interação do grupo.
- Compreensão da história a partir do desenho.
- Representação da tipologia (verificar se sabem onde desenham os elementos da natureza).

- **Descrição/Reflexão:**

Para começar a atividade, contei a história “A Menina Gotinha de água” de Papiniano Carlos. À medida que ia contando a história, ia mostrando as figuras da natureza representadas na história, como por exemplo, a gotinha de água feita com cartolina azul clara e um pau de espetada para segurar; o sol feito com cartolina amarela e um pau de espetada; a nuvem branca feita com papel canelado reciclado e um pau de espetada, e por fim, uma nuvem cinzenta feita com papel canelado reciclado pintada com lápis de cera preto, linha branca para prender as gotas à nuvem, gotinhas feitas em cartolina azul clara e para segurar o pau de espetada.

Contada a história, fiz perguntas sobre o percurso que a gotinha de água fez, e ao mesmo tempo fui lembrando os estados físicos da água, que já tinham sido abordados pela educadora. Deste modo, a partir desta atividade de leitura, promovi uma articulação da área da Linguagem oral e abordagem à escrita com a área de conhecimento do mundo, com o objetivo de despertar a atenção/curiosidade das crianças para os fenômenos naturais presentes no mundo que as rodeia.

“Mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilização que desperta a curiosidade e o desejo de aprender.” (ME, 1997, p.85)

Ainda no tapete, distribui as gotinhas de água feitas em cartolina azul clara e fio azul, para as crianças colocarem ao pescoço e expliquei-lhes que íamos ser gotinhas de água e iríamos fazer a viagem que a gotinha de água fez (ciclo da água).

A colocação da gota de água ao pescoço foi a maneira que eu encontrei para que as crianças “fizessem de conta” que eram uma gota de água e foi o ponto de partida para uma atividade de expressão dramática que idealizei. Na Educação Pré-Escolar, as expressões nas suas quatro vertentes, têm muita importância no processo de ensino/aprendizagem das crianças, visto que o seu domínio permite complementar e enriquecer as outras áreas de conteúdo tornando-as mais apelativas.

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objetos. (ME, 1997, p. 57)

Para dar início a esta sessão de movimento baseada no Método Laban da viagem da gotinha de água (o ciclo da água), coloquei a música/sons da natureza previamente selecionados. Fui dando instruções ao grupo para imaginarem que eram gotinhas de água de modo a movimentarem-se e expressarem-se de acordo com a música e com a história, desenvolvendo assim a imaginação e a linguagem verbal e não verbal.

Também decorre da intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam um encadeamento de ações, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da linguagem verbal e não verbal. (ME, 1997, p.60)



Figura 33 - Método Laban:
Formação das nuvens



Figura 34 - Método Laban: alegria no
regresso ao mar

Antes da realização desta sessão de movimento, senti algum receio em fazê-la, pois nunca tinha feito nenhuma. Tentei explicar o mais simples possível, para que as crianças percebessem aquilo que estavam a fazer. Na minha opinião, inicialmente, foi difícil, pois tive de repetir várias vezes a mesma etapa, para que as crianças estivessem organizadas. Depois de termos feito esta sessão algumas vezes, o resultado final foi um sucesso, pois acho que consegui que as crianças percebessem minimamente o processo.

Entretanto, as crianças sentaram-se nas mesas e coloquei em cima da mesa lápis de cor e pedi-lhes que tirassem as suas gotinhas do pescoço e desenhassem a cara da gotinha de água. Quando terminaram, distribuí uma folha branca para fazerem um desenho com base no desenvolvimento da história “A Menina Gotinha de água” onde constassem os elementos da mesma (mar e/ou terra, céu, sol, gotas, etc).



Figura 35 - Ilustração da história “A
Menina Gotinha de Água”

As crianças pediram-me para repetir a sessão de movimentos que tínhamos feito anteriormente, pelo que senti que as crianças gostaram de a fazer e estavam muito empolgadas pois foi uma atividade diferente.

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 3 – Atividade 1 - O ciclo da água: Expressões artísticas e motoras

Objetivos	Áreas de Conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Dramatizar o ciclo da água a partir da história “A Menina Gotinha de água” suportada no método Laban.	- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; - Expressão Dramática; - Expressão Plástica.	Parcialmente	Sim	Sim	Sim
Promover atividades que, no domínio do jogo dramático, permitam o desenvolvimento da expressão corporal, de forma a desenvolver a capacidade narrativa e a comunicação verbal e não-verbal.		Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
Desenvolver a motricidade fina.		Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
Promover a correta manipulação dos materiais.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim

Todas as crianças demonstraram empenho na realização da atividade exceto H. que revelou alguma falta de interesse o que se refletiu depois nas atividades seguintes. Tinha de ser chamado à atenção para as realizar e ajudado na sua concretização. De um modo geral a dramatização foi conseguida após várias tentativas tendo as crianças revelado um esforço no cumprimento das instruções e interpretação dos movimentos. Constatou-se que as crianças interagiram entre si para conseguirem dramatizar esta história. O resultado final foi positivo tendo sido possível constatar que as crianças compreenderam o ciclo da água. Durante a realização do desenho pude verificar por um lado, que as crianças H. e L. apresentam uma motricidade fina pouco desenvolvida, não só devido à faixa etária em que se inserem mas também à falta de investimento por parte dos encarregados de educação.

Considero que se deverá proporcionar mais atividades dentro desta área para lhes promover um maior controlo e desenvolvimento dos movimentos.

O J.P. e M.F. não apresentaram dificuldades nesta área, tendo revelado alguma facilidade no manuseamento dos materiais utilizados (lápiz de cor, canetas de feltro) e no desenho dos elementos da natureza mencionados na história.

4.5.1.2 – Estados físicos da água.

A planificação encontra-se no Apêndice D.

- **Objetivos:**

- Identificar os estados físicos da água.
- Compreender as mudanças de estados físicos da água.
- Desenvolver o espírito científico.
- Realizar o registo da experiência através do desenho.

- **Áreas de conteúdo:**

- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Conhecimento do Mundo.
- Expressão Plástica.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Comentários das crianças no desenrolar da experiência.
- Registo da experiência através do desenho.

- **Descrição/Reflexão**

Elaborei um PowerPoint sobre o ciclo da água (Apêndice H) no qual recapitulei a história da “Menina Gotinha de água” com o grupo de crianças sentado no tapete. No desenrolar do diálogo, foram lembrados os estados físicos da água que já tinham sido abordados pela educadora anteriormente.

Após esta introdução, organizei o espaço para realizar uma atividade experimental para levar as crianças a identificarem os diferentes estados físicos da água e compreenderem a passagem do estado líquido ao estado gasoso e vice-versa, tal como acontecia na história.

Assim, coloquei uma mesa em frente às crianças onde dispus os materiais necessários à realização desta experiência: um jarro com água, uma chaleira elétrica, um espelho, um prato. De seguida, perguntei às crianças se conseguiam adivinhar o que íamos fazer.

G.C. - “Magia!”

J.P.- “Uma experiência.”

Eu- “E quem faz as experiências?”

M.F.- “Quem faz as experiências são os cientistas!”

M.- “Os cientistas também fazem investigações com animais.”

Eu- “Então como vamos fazer uma experiência, vamos todos ser cientistas por uns instantes.”

(Diário de Bordo, 30 de janeiro de 2014)

Para esclarecer o grupo sobre o que íamos efetivamente fazer, descrevi todos os objetos que estavam em cima da mesa: jarro com água, uma chaleira elétrica, um espelho e um prato. Depois disso, peguei no jarro e fui junto de cada criança mostrar que continha água, algumas aproveitaram para brincar com a água, molhando a mão toda; outras só molharam a ponta dos dedos. Depois, perguntei em que estado estava a água e a maioria das crianças soube responder que estava no estado líquido. À minha pergunta sobre a sua cor, responderam que era transparente. Quando perguntei se estava quente ou fria responderam que estava fria.

De seguida, coloquei a água na chaleira e liguei-a. Enquanto estava a aquecer, perguntei o que estava a sair de dentro da chaleira e porquê, obtive respostas como:

M.F – “Está a sair fumo.”

J.P. – “Está a sair fumo porque está muito quente.”

Eu – “Não é fumo. É vapor de água.”

(Diário de Bordo, 30 de janeiro de 2014)

Então fiz a ligação à história e disse que era como se fosse o sol a aquecer a gotinha de água no mar. Foi então que a educadora cooperante interveio salientando que a água estava no estado líquido e que por ação do calor, tinha passado para vapor (estado gasoso). A seguir, abri a tampa da

chaleira e pedi a uma criança para colocar um espelho por cima do vapor, mantendo-o nessa posição até se formarem gotas de água. De seguida, junto de cada criança, mostrou-se o espelho para observarem o que tinha acontecido e tocarem no espelho. À pergunta “O que aconteceu no espelho?” a



Figura 36 - Desenrolar da experiência

maioria respondeu que estava cheio de gotas de água. Expliquei-lhes então que ao encontrar uma superfície fria, o vapor se transforma em água no estado líquido.

Terminada a experiência, recapitulámos todo o processo e fizeram o registo de observação que consistiu em fazer a ilustração do que tinham observado não esquecendo de desenhar a mesa, o material utilizado na experiência e o grupo de crianças.



Figura 37- Registro da experiência
(criança de 3 anos)



Figura 38 - Registro da experiência
(criança de 6 anos)

Como é um grupo heterogêneo com crianças de idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade, encontram-se em diferentes níveis de desenvolvimento. Esta situação fez com que tivesse de tornar a atividade o mais simples possível para que todas conseguissem compreender os fenómenos observados.

Durante a realização da atividade as crianças mostraram-se curiosas, atentas e envolvidas no seu desenrolar. Tanto eu como a educadora cooperante fomos acompanhando todo o processo recorrendo por exemplo, a sequências de pergunta/resposta, a referências à história da “Menina Gotinha de Água”, a situações do dia-a-dia das crianças (associar o vapor às nuvens, a água, à chuva, por exemplo) e à supervisão do desenho que serviu de registo da experiência.

Da análise dos desenhos efetuados pelas crianças, posso concluir que neles constam os objetos e as etapas da realização desta experiência como por exemplo, a chaleira, o vapor de água, o espelho, as gotas de água. Dependendo da sua idade, os desenhos continham mais ou menos pormenores. As crianças mais novas ainda se encontram na fase da garatuja mas explicaram o que desenharam. Os elementos que estavam presentes em quase todos os desenhos eram a chaleira, a mesa, a representação do vapor e o grupo de crianças.

Para terminar, creio que esta atividade decorreu da melhor maneira possível e penso que, de um modo geral, as crianças conseguiram compreender as mudanças de estado físico da água (líquido e gasoso), adquiriram estes novos conceitos e conseguiram identificá-los. Assim, com esta atividade experimental, tentei proporcionar a este grupo de

crianças “(...) oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” (ME, 1997, p.79).

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 4 – Atividade 1 - O ciclo da água: Estados físicos da água.

Objetivos	Áreas de Conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Identificar os estados físicos da água.	- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; - Conhecimento do Mundo; - Expressão Plástica.	Não	Não	Parcialmente	Sim
Compreender as mudanças de estados físicos da água.		Não	Não	Sim	Sim
Desenvolver o espírito científico.		Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
Realizar o registo da experiência através do desenho.		Sim	Sim	Sim	Sim

Como avaliação desta atividade posso referir que as crianças J.P. e M.F. revelaram interesse e participaram com empenho na sua realização uma vez que foram sendo interventivas no seu decurso, mostrando-se curiosas pelos fenómenos que os rodeiam. Relativamente à compreensão dos estados físicos da água foi difícil de atingir para as crianças mais novas (H. e L.). Apesar de não terem apresentado alguma dificuldade em compreender o processo de mudança do estado líquido para o estado gasoso conseguiram fazer o desenho destes estados. H. e L. como têm três anos ainda se encontram na fase da garatuja mas, mesmo assim, ainda desenharam alguns pormenores da experiência (Fig. 37). Ao serem questionados sobre aquilo que desenharam identificaram o vapor no espelho. J.P. incluiu no seu desenho, para além do espelho e do vapor, a mesa onde se realizou a experiência. M.F. fez um desenho mais pormenorizado, no qual incluiu todo o material necessário à realização da experiência, o vapor, tendo ainda o cuidado de incluir a estagiária e algumas crianças (Fig. 38).

4.5.1.3 – Elaboração de um mural sobre o ciclo da água.

A planificação encontra-se no Apêndice D.

- **Objetivos:**

- Construir um mural ilustrativo do ciclo da água utilizando várias técnicas de Expressão Plástica.
- Desenvolver o domínio de algumas técnicas de Expressão Plástica.
- Desenvolver a motricidade fina.
- Promover a correta manipulação dos materiais.
- Desenvolver a criatividade e o sentido estético.

- **Áreas de conteúdo:**

- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Conhecimento do Mundo.
- Expressão Plástica.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Interação do grupo.
- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Compreensão do Ciclo da Água a partir do mural.

- **Descrição/Reflexão:**

Como a atividade não ficou concluída num só dia, voltei a mostrar o PowerPoint onde explicava o ciclo da água e de seguida pedi às crianças que me explicassem esse processo. Como achei que as crianças compreenderam o ciclo da água, pedi-lhes que se sentassem nas cadeiras à volta das mesas e desenhassem todo o processo que tinha sido explicado. Ao mesmo tempo, estendi o papel cenário (já com um desenho pré-definido de

umas nuvens, do mar e de umas montanhas) no chão e expliquei às crianças que íamos fazer um mural do ciclo da água. Para isso, chamei três crianças de cada vez para irem pintando as várias partes do processo.

Primeiramente, uma criança com um pincel e tinta azul delineava as ondas do mar, de seguida outra criança, pintava o mar com a técnica da esponja. As outras duas crianças punham cola onde estava desenhada a nuvem e colavam bolinhas feitas em papel crepe branco, previamente feitas por elas. Entretanto, fui chamando outras crianças para continuarem a fazer as nuvens com papel crepe branco.



Figura 39- Delinear as ondas do mar e colagem das bolinhas feitas em papel crepe branco



Figura 40 - Utilização da técnica da esponja

Posteriormente chamei outras duas crianças para pintar, com pincel, as outras nuvens de cinzento, onde juntei a cor branca e a preta para formar o cinzento. De seguida, pedi a outras duas crianças que pintassem as montanhas com pincéis com a cor castanha, chamei outras duas para pintarem o prado de verde com a técnica do pincel.



Figura 41 - Realização dos contornos do desenho.

Pedi a outras duas crianças à parte, para decorarem um sol feito com cartão de uma caixa de cereais, o qual tinham de colorir com as pontas dos dedos. Uma das crianças que estava a pintar com esta técnica estava a fazer corretamente, mas a outra, como tem três anos estava a fazer rabiscos com o dedo, e então acabámos por pintar o sol com a técnica do dedo, mas em vez de ficar com um efeito de bolinhas, ficou como se fosse pintado com pincel. Outras três crianças decoraram as gotinhas de água feitas também com caixas de cereais e pintaram-nas com tinta azul e um pincel. Também à parte, quatro crianças decoraram os peixes feitos em cartão, mas antes, perguntei-lhes como queriam decorá-los e acabaram por decidir pintar com canetas de feltro e lápis de cor. Mas a minha ideia inicial era colar bolinhas de papel crepe de várias cores, mas preferi que as crianças escolhessem o material com que se sentissem melhor a trabalhar.

Para finalizar, pedi a duas crianças mais velhas para delinear com pincel e tinta preta todo o desenho.

Após a secagem, o grupo da sala azul fez uma roda à volta do papel cenário para continuarmos a construir o mural do ciclo da água. Assim pedi a uma criança de cada vez para colocar no sítio certo os elementos da natureza, como por exemplo, colar o algodão no cimo da montanha para imitar a neve, colar bolinhas de papel crepe brancas a cair das nuvens cinzentas para simular a neve, colar as gotinhas de água a cair das nuvens para a terra e para o rio, colar o sol, os peixes no mar, etc.

Para concluir o nosso mural, achei por bem fazer umas etiquetas com os estados físicos da água que as crianças mais velhas, uma de cada vez colaram no sítio correto. Na minha opinião, achei que a maioria das crianças já sabia os estados físicos da água. Voltei-lhes a perguntar como começava e acabava o ciclo da água, para fazer as setas no nosso mural. Neste momento achei melhor mostrar de novo o PowerPoint, mas nem sequer foi preciso porque a maioria das crianças soube responder.

Como as gotas de água não sobressaiam do mural, porque foram pintadas com o mesmo azul que pintámos o mar, em conjunto com a educadora arranjámos uma solução: algumas crianças quiseram desenhar expressões faciais nas gotinhas de água com caneta de feltro preta.

Para terminar, delinee as gotinhas de água com caneta de feltro preta, as crianças viram e foram buscar canetas e continuaram a fazer o que eu estava a fazer. Também pedi a uma criança para escrever “Sala Azul” e por fim, escrevi “O Ciclo da água”.



Figura 42 – O ciclo da água da Sala Azul

A educadora cooperante gostou muito do resultado final do mural e decidiu colocar no placard da entrada do jardim-de-infância.

Na minha opinião, não foi fácil gerir esta atividade, porque tinha que observar tudo e preparar todos os materiais ao mesmo tempo, fazer com que todas as crianças fossem chamadas para participar na mesma.

Ao longo destas atividades sobre o tema “O ciclo da água” tentei articular as áreas de Expressão e Comunicação, como é o caso da Expressão Plástica e Expressão Dramática com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a área do Conhecimento do Mundo.

Todas as atividades propostas permitiram a exploração de conteúdos na área do Conhecimento do Mundo e a partir desta exploraram-se outras áreas uma vez que se pode “(...) partir da escolha de uma “entrada” por uma área ou domínio para chegar a todos os outros.” (ME, 1997, p.50)

Deste modo, utilizei atividades da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde as crianças tiveram contacto com a história da “Menina Gotinha de Água”. Também propus atividades do domínio da Expressão Dramática, onde as crianças puderam utilizar o corpo para “fazer de conta” que eram gotinhas de água. Antes da realização desta sessão de movimentos (método Laban), senti algum receio pois nunca tinha feito nenhuma. Tentei explicar o mais simples possível, para que as crianças percebessem aquilo que estavam a

fazer. Na minha opinião, inicialmente, foi difícil, pois tive de repetir várias vezes a mesma etapa para que as crianças estivessem organizadas. Depois de termos feito esta sessão algumas vezes, o resultado final foi um sucesso e acho que consegui que as crianças percebessem minimamente o ciclo da água.

Nas atividades inseridas no domínio da Expressão Plástica, as crianças puderam desenvolver a sua imaginação e criatividade através da utilização de técnicas e materiais diversos.

Tentei fazer com que o resultado final fosse a compreensão do ciclo da água e a consolidação de alguns conhecimentos que já possuíam sobre este assunto.

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 5 – Atividade 1 - o ciclo da água: Elaboração de um mural.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Construir um mural ilustrativo do ciclo da água utilizando várias técnicas de Expressão Plástica.	- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; - Conhecimento do Mundo; - Expressão Plástica.	Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver o domínio de algumas técnicas de Expressão Plástica.		Sim	Sim	Sim	Sim
Promover a correta manipulação dos materiais.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a motricidade fina.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade e o sentido estético.		Sim	Sim	Sim	Sim

Esta atividade suscitou bastante interesse por parte das crianças tendo participado empenhadamente na sua realização. As crianças mais novas necessitaram de algum apoio na execução das tarefas que lhes foram atribuídas, como é o caso de H. Esta tarefa implicava a utilização de vários materiais e técnicas de Expressão Plástica que exigiam

algum rigor como pintura a dedo, com pincel e esponja, colagem, rasgagem e modelagem de papel. Se atentarmos no quadro, à exceção de H, que revelou maior dificuldade na manipulação de materiais e na motricidade fina o que requereu supervisão da estagiária, todas as crianças conseguiram atingir os objetivos delineados. Finalizado o mural, fez-se a recapitulação do ciclo da água que M.F. conseguiu reconstituir. J.P. também conseguiu identificar no mural os estados físicos da água. As crianças mais novas conseguiram identificar os elementos da natureza presentes no mural.

4.5.2. Atividade 2: já chegou a primavera.

4.5.2.1. Carimbagem de flores com garfos.

A planificação encontra-se no Apêndice E.

- **Objetivos:**

- Celebrar a Primavera com a técnica da carimbagem.
- Promover a expressão e comunicação plástica.
- Explorar e descobrir diferentes meios, materiais e técnicas.
- Desenvolver a criatividade.
- Partilhar saberes.
- Sensibilizar as crianças para a conservação da natureza e do ambiente.
- Saber a constituição da planta (raiz, caule e flor).

- **Áreas de conteúdo:**

- Expressão Plástica.
- Formação Pessoal e Social.
- Conhecimento do Mundo.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.

- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Interação do grupo.
- Verificação dos conhecimentos através de perguntas sobre a primavera feitas às crianças.

- **Descrição / Reflexão:**

Como a Primavera tinha chegado, as crianças quiseram desenhar flores. Deste modo, com umas crianças de cada vez, ajudei a fazer flores de várias cores (laranja, amarelo, azul e cor de rosa) com garfos de plástico. Esses garfos eram pintados nas cores escolhidas pelas crianças e eram decalcadas na folha fazendo umas tulipas. O caule da flor foi feito com um dedo das crianças pintado com tinta verde e também o decalcámos no papel. Para celebrar a chegada da Primavera, depois do almoço e com a minha ajuda e a das educadoras, as crianças estiveram a plantar flores. As educadoras mostraram o que eram as raízes das ervas e algumas crianças encontraram minhocas debaixo da terra e estiveram a mexer nelas. Entretanto, as educadoras distribuíram sementes a quase todas as crianças que as colocaram na terra, taparam-nas e, por fim, regaram-nas.



Figura 43 – Realização das flores com a técnica da carimbagem



Figura 44 – Pintura do caule com a técnica da carimbagem



Figura 45 – utilização do dedo como carimbo

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 6 – Atividade 2: já chegou a primavera - Carimbagem de flores com garfos.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Celebrar a Primavera com a técnica da carimbagem.	- Expressão Plástica; - Formação Pessoal e Social; - Conhecimento do Mundo.	Sim	Sim	Sim	Sim
Promover a expressão e comunicação plástica.		Sim	Sim	Sim	Sim
Explorar e descobrir diferentes meios, materiais e técnicas.		Sim	Sim	Sim	Sim
Partilhar saberes.		Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente	Sim
Sensibilizar as crianças pela conservação da natureza e do ambiente.		Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade e o sentido estético.		Sim	Sim	Sim	Sim
Saber a constituição da planta (raiz, caule e flor).		Não	Não	Sim	Sim

O objetivo principal desta atividade, direcionado para a celebração da Primavera, foi atingido por todas as crianças que se revelaram motivadas e se empenharam na elaboração da tarefa. O resultado dos seus trabalhos foi bastante satisfatório tendo a diversidade de materiais utilizados sido um fator de motivação essencial. Não apresentaram dificuldades em manuseá-los. Esta atividade foi realizada de uma forma autónoma incluindo as crianças mais novas. É de salientar que na realização das flores as crianças escolheram as cores de acordo com o seu gosto e todas associaram o verde ao caule da flor e às folhas. Antes de realizar esta atividade e utilizando como suporte o espaço exterior existente sensibilizou-se o grupo para a proteção da natureza revelando-se as crianças mais velhas mais consciencializadas para esta causa. Partindo de plantas do jardim, promoveu-se um momento de diálogo em grande grupo com o objetivo de

conhecer a sua constituição e o que é necessário para viverem. Mais uma vez, as crianças J.P. e M.F. atingiram este objetivo.

4.5.2.2. Germinação do feijão.

A planificação encontra-se no Apêndice F.

- **Objetivos:**

- Identificar a origem de um dado material vegetal.
- Reconhecer o processo de germinação e o crescimento das plantas.
- Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem os seus conhecimentos.
- Promover a expressão e comunicação plástica.
- Desenvolver a criatividade.

- **Áreas de conteúdo:**

- Conhecimento do Mundo.
- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Expressão Plástica.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Interação do grupo.
- Resultado dos trabalhos elaborados.

- **Descrição/Reflexão:**

Uma das atividades que considero relevantes para as aprendizagens das crianças foi a abordagem dum tema muito importante como a constituição das plantas e a germinação das mesmas. Para isso, numa fase inicial, as crianças disseram tudo aquilo que sabiam acerca das plantas, como por exemplo que precisam de água para viver, de sol, terra, entre outras coisas. Depois de termos extraído toda a informação que elas nos deram, as crianças visionaram dois pequenos vídeos denominados “Constituição das plantas” e “Charlie e Lola As Plantas”. Após este momento didático, ficaram a saber um pouco mais acerca da natureza e souberam repetir a constituição da flor, entre outras coisas.

Posteriormente ao visionamento dos vídeos, a educadora cooperante contou a história “João e o Feijoeiro Mágico” da autoria de Richard Walker e Niamh Sharkey. De seguida, distribuímos copos de plástico transparente a cada criança identificados com o seu nome. À volta da mesa, as crianças encheram o seu copo com terra e ordenadamente foram-se sentando no tapete, para



Figura 46 – Plantação dos feijões

depois serem chamadas uma de cada vez para colocarem três feijões dentro do copo e água. As crianças sentaram-se nas cadeiras e distribuímos folhas brancas e lápis para desenharem um castelo como retratava a história contada anteriormente. Esse desenho foi colado a um pau de espetada, colocado no copo de cada criança e expostos no parapeito da janela. Esta atividade permitiu às crianças aprofundar os seus conhecimentos sobre a germinação das plantas a partir de uma história dando cumprimento à Meta final 25 da área do Conhecimento do Mundo. (Metas de Aprendizagem, DGIDC, 2012)



Figura 47 – Exposição do copo de cada criança

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 7 – Atividade 2: já chegou a primavera - Germinação do feijão.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nome das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Identificar a origem de um dado material vegetal	- Conhecimento do Mundo; - Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; - Expressão Plástica.	Não	Não	Não	Não
Reconhecer o processo de germinação e o crescimento das plantas.		Não	Não	Sim	Sim
Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem os seus conhecimentos.		Parcialmente	Parcialmente	Sim	Sim
Promover a expressão e comunicação plástica;		Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade.		Sim	Sim	Sim	Sim

Esta atividade experimental teve como ponto de partida um diálogo em grande grupo sobre as plantas. Neste diálogo H. e L. foram pouco interventivos devido à dificuldade que apresentam em se concentrar.

Com o visionamento dos vídeos sobre o mesmo assunto, as crianças mostraram-se mais atentas e interessadas: H. e L. realçaram a importância da água para as plantas e as crianças mais velhas, para além disso, conseguiram dizer a constituição das plantas (M.F.).

Na realização da atividade experimental as crianças mostraram-se curiosas e atentas ao desenrolar da experiência. Efetuaram o registo gráfico da história “João e o Feijoeiro Mágico” com alguma criatividade.

4.5.3. Atividade 3: explorar Van Gogh.

4.5.3.1. Reconstituição do quadro “Os girassóis” de Van Gogh.

A planificação encontra-se no Apêndice G.

- **Objetivos:**

- Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem/partilhem os seus conhecimentos.
- Estimular a aquisição de vocabulário novo.
- Proporcionar o contacto com obras de arte de alguns pintores e principalmente de Van Gogh.
- Conhecer alguns aspetos da vida e obra de Van Gogh.
- Desenvolver a criatividade e o sentido estético.
- Reconstituir o quadro “Os girassóis” utilizando a técnica da carimbagem e pintura de dedo.

- **Áreas de conteúdo:**

- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Conhecimento do Mundo.
- Expressão Plástica.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Interação do grupo.
- Resultado final da recriação da obra realizada pelas crianças.

- **Descrição/Reflexão:**

Para iniciar esta atividade, as crianças estavam sentadas no tapete, enquanto preparava a apresentação de um PowerPoint da minha autoria sobre pintores (Apêndice I). A minha proposta de atividades era sensibilizar as crianças para a arte proporcionando o contacto com alguns pintores e as suas obras dando deste modo cumprimento a uma das orientações das OCEPE no que diz respeito à Expressão Plástica “Os contactos com a pintura, a escultura, etc. constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético.” (ME, 1997, p.63)

Antes de mostrar o PowerPoint, tive uma conversa em grande grupo e perguntei-lhes se se lembravam do museu que tínhamos ido no período passado. A maioria das crianças não se lembrava, outras responderam que se lembravam do museu onde dançaram, e eu disse-lhes que esse museu chamava-se “Fundação Calouste Gulbenkian” e no qual havia obras de arte feitas por escultores, artistas e pintores. A partir daí, perguntei se sabiam o que era um pintor e obtive respostas como:

M.F.- “É um senhor que pinta obras de arte.”

G.C.- “Pinta!”

J.M.- “Os pintores fazem quadros giros para porem nas exposições.”

B.- “Podem fazer retratos.”

(Diário de bordo, 22 de abril de 2014)

De seguida, mostrei-lhes o PowerPoint e expliquei-lhes que havia vários pintores (pintores de paredes, pintores da construção civil e pintores artistas) e dei uma definição simples de pintor. Depois, referi que o que íamos trabalhar eram os pintores artistas e dei alguns exemplos de pintores como é o caso de Leonardo da Vinci; Salvador Dali; Pablo Picasso; Wassily Kandinsky; Maluda; Juan Miró e Van Gogh.

Assim, fui mostrando cada um dos artistas e dei um exemplo de uma obra mais conhecida de cada um explorando alguns aspetos das suas obras como a cor, as formas, etc. Durante este diálogo, as crianças estiveram atentas aos pormenores dos quadros e deram asas à sua imaginação.

Sempre que mostrava um artista, pedia às crianças que repetissem os nomes, por exemplo, quando disse “Leonardo Da Vinci”, algumas crianças pronunciaram bem o nome, mas outras disseram “Vinxí”; quando me referi ao “Salvador Dali”, a maioria do grupo pronunciou “Salvador David”; quando falei do “Pablo Picasso”, todas as crianças disseram corretamente o nome deste pintor; relativamente ao “Wassily Kandinsky”, as crianças tiveram mais dificuldades para pronunciar, disseram “Kandinki”, “Kanvinky”, após várias tentativas e com o meu auxílio conseguiram pronunciar “Kandinsky”. Quando me referi à artista “Maluda”, a pronúncia das crianças foi “Maluca”, “Madona” e com a minha ajuda disseram corretamente o nome. Ainda referi que esta artista era portuguesa. Ao referir “Juan Miró”, a educadora cooperante tinha-me avisado que as crianças que frequentaram o jardim-de-infância o ano passado já tinham trabalhado este artista, mas só uma ou outra é que se lembrava. Este artista foi o mais fácil de pronunciar, porque já estavam um pouco familiarizados com ele. Finalmente, quando falei de “Vincent Van Gogh” expliquei-lhes que de todos os artistas, este foi o que eu escolhi para trabalharmos e o grupo soube pronunciar muito bem o nome deste pintor.

Ainda no PowerPoint, falei um pouco da biografia de Vincent Van Gogh, mostrei um vídeo para crianças que retratava a sua biografia e a forma como pintava os seus quadros. Dei-lhes a conhecer algumas das obras que considero mais importantes como por exemplo “Os comedores de Batatas” (1885); “A Noite Estrelada” (1889); “Auto-retrato” (1889); “O quarto em Arles” (1889) e “Os Girassóis” (1888). Como referi anteriormente, as crianças observavam os quadros e reparavam em vários pormenores (as cores claras, as cores escuras, o que observavam naqueles quadros, entre outras coisas). Por fim, mostrei outro vídeo de desenhos animados, onde apareciam várias obras de Van Gogh. O grupo gostou imenso dos vídeos e pediu para verem de novo, e eu achei que devia fazê-lo para ficarem a saber mais acerca do pintor que iríamos trabalhar.

Enquanto as crianças estavam nas áreas a brincar, fomos chamando umas crianças de cada vez para fazermos a reconstituição do quadro de girassóis de Van Gogh. Para isso, foi preciso tinta cor de laranja para pintar a palma da



Figura 48 – Usando as mãos como carimbo

mão, tinta verde para pintar os dedos para de seguida fazer a carimbagem da mão na folha de manteiga; depois com a outra mão, faziam as pétalas com tinta amarela. Após a secagem, com tinta castanha fizeram o botão da flor.



Figura 49 – Pintura a dedo



Figura 50 - Reconstituição do quadro
“Os Girassóis”

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 8 – Atividade 3: explorar Van Gogh - Reconstituição do quadro “Os girassóis”.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem os seus conhecimentos.	- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; - Conhecimento do Mundo; - Expressão Plástica.	Sim	Sim	Sim	Sim
Estimular a aquisição de vocabulário novo.		Sim	Sim	Sim	Sim
Proporcionar o contacto com obras de arte de alguns pintores e principalmente de Van Gogh.		Sim	Sim	Sim	Sim
Conhecer alguns aspetos da vida e obra de Van Gogh.		Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade e o sentido estético.		Sim	Sim	Sim	Sim
Reconstituir o quadro “Os girassóis” utilizando a técnica da carimbagem e pintura de dedo.		Sim	Sim	Sim	Sim

Todas as crianças se mostraram motivadas e demonstraram interesse no desenrolar das atividades interagindo com a estagiária e entre si. Conseguiram nomear alguns dos pintores presentes no PowerPoint e referiram algumas formas e cores presentes nas suas obras. Estas crianças conseguiram fazer, sem grandes dificuldades, a reconstituição do quadro “Os girassóis” de Van Gogh, após a exploração do mesmo, recorrendo à técnica da carimbagem e da pintura de dedo.

4.5.3.2. O autorretrato a partir da obra de Van Gogh.

A planificação encontra-se no Apêndice G.

- **Objetivos:**

- Proporcionar o contacto com a obra “Autorretrato” de Van Gogh.
- Elaborar o autorretrato de cada criança.
- Desenvolver a criatividade e o sentido estético.
- Estimular a capacidade de observação.
- Desenvolver a motricidade fina.

- **Áreas de conteúdo:**

- Expressão Plástica.
- Conhecimento do Mundo.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Interação do grupo.
- Resultado final do autorretrato realizado pelas crianças.

- **Descrição/Reflexão:**

Esta atividade desenvolveu-se a partir do PowerPoint que mostrou as obras de Van Gogh, expliquei o que era um autorretrato e propus-lhes fazer um autorretrato como fez Van Gogh. Assim sendo, distribuímos as crianças nas mesas, e com uma folha branca e um espelho, tinham de se olhar ao espelho e desenhar-se a si próprios com canetas de feltro ou lápis de cor. O resultado final ficou muito bom, a maioria das crianças alcançou o objetivo da atividade visto que revelaram uma boa capacidade de observação e atenção aos pormenores (cor, comprimento dos cabelos, penteado, etc).



Figura 51 – Autorretrato de uma criança de 6 anos



Figura 52 – Autorretrato de uma criança de 5 anos

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 9 – Atividade 3: explorar Van Gogh - O autorretrato a partir da obra de Van Gogh.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Proporcionar o contacto com a obra “Autorretrato” de Van Gogh.	- Conhecimento do Mundo; - Expressão Plástica.	Sim	Sim	Sim	Sim
Elaborar o autorretrato de cada criança.		Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a criatividade e o sentido estético.		Sim	Sim	Sim	Sim
Estimular a capacidade de observação.		Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente	Sim
Desenvolver a motricidade fina.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim

As crianças realizaram esta atividade com empenho. O principal objetivo era realizar o seu autorretrato e para isso, partilharam os espelhos que estavam ao seu dispor. O resultado final desta atividade foi positivo, demonstrando capacidades de revelar atenção aos pormenores (cor, comprimento dos cabelos, penteado, entre outros). Contudo

apresentaram algumas dificuldades em conseguirem fazer a observação e a ilustração ao mesmo tempo. Apesar de H. ter sido incentivado a manusear corretamente os materiais utilizados, H. continua a revelar algumas dificuldades neste aspeto. O H. irá ser proposto para uma avaliação em psicomotricidade, com o intuito de melhor se compreender o que se passa com esta criança e de melhor o poder ajudar.

4.5.3.3. Prenda do dia da mãe a partir do quadro “Os girassóis” de Van Gogh.

A planificação encontra-se no Apêndice G.

- **Objetivos:**

- Construir uma moldura/girassol utilizando várias técnicas da Expressão Plástica.
- Desenvolver o raciocínio lógico-matemático.
- Desenvolver a motricidade fina.
- Desenvolver o sentido estético e a criatividade.

- **Áreas de conteúdo:**

- Expressão Plástica.
- Matemática.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Domínio das técnicas de Expressão Plástica e manuseamento de materiais.
- Interação do grupo.
- Resultado final da moldura/girassol realizada pelas crianças.

- **Descrição/Reflexão:**

Como se aproximava o dia da mãe, outra das minhas propostas de trabalho era fazer um suporte para um girassol a partir de garrafas de iogurtes, que as crianças tinham de decorar fazendo sequências com figuras geométricas em papel autocolante (triângulos e quadrados em tons de cor de rosa, azuis turquesa e prateado).

Assim, fui chamando uma criança de cada vez para decorar a sua garrafa. Esta atividade, apesar de eu achar que faz todo o sentido trabalhar a matemática, foi de difícil realização porque a maioria das crianças não conseguia tirar o papel autocolante e acabámos por demorar mais tempo a fazer. Eu fui sempre supervisionando a atividade e apoiei no que precisassem. Na minha opinião, penso que as crianças conseguiram fazer a sua própria sequência, mas de vez em quando tinha de chamar à atenção, pois não estavam atentos às figuras que estavam a colar.



Figura 53 – Elaboração e colagem da sequência na garrafa de iogurte

Dividimos o grupo, eu ia chamando umas crianças de cada vez para fazerem a decoração da garrafa.

Em conversa em grande grupo, voltei a referir o quadro “Os Girassóis” de Van Gogh. Com isto quis introduzir a outra atividade que iria completar o suporte feito com garrafas de iogurte que estivemos a fazer nestes dias: a realização de um girassol. Assim, distribuí a cada um, um pau de espetada que pintaram de verde e de seguida pu-los a secar. Este pau seria o caule do girassol.

Entretanto, fui chamando uma criança de cada vez para começar a fazer o girassol. Distribuí-lhes um círculo em cartão de caixas de cereais e uns retângulos feitos de papel

crepe amarelo previamente recortados. Com o meu auxílio, as crianças tinham de fazer uns recortes nos retângulos amarelos e colar com cola batom no círculo, até ficar cheio, para fazer as pétalas.



Figura 54 - Recorte das pétalas do girassol



Figura 55 - Colagem das pétalas do girassol

A atividade dos girassóis foi concluída fazendo a colagem da foto de cada criança no seu girassol que contornaram com grãos de café colados. Para conseguir dar apoio a todos, fui chamando três ou quatro crianças de cada vez porque achei que era complicado pôr cola líquida em cima da fotografia pois saia a tinta e como os grãos de café são pequenos, as crianças acabavam por ficar com os dedos todos colados e os grãos de café ficavam nos dedos das crianças. Foi uma tarefa um pouco difícil, mas com o meu auxílio achei que a atividade foi bem sucedida e as crianças sentiram prazer em fazê-la porque mexeram em grãos de café e algumas crianças não sabiam o que isso era, mas era-lhes familiar o cheiro a café.



Figura 56 - A prenda do dia da Mãe

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 10 – Atividade 3: explorar Van Gogh - Prenda do dia da mãe a partir do quadro “Os girassóis”.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Construir uma moldura/girassol utilizando várias técnicas da Expressão Plástica.	- Matemática; - Expressão Plástica.	Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver o raciocínio lógico-matemático.		Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente	Sim
Desenvolver a criatividade e o sentido estético.		Sim	Sim	Sim	Sim
Desenvolver a motricidade fina.		Parcialmente	Sim	Sim	Sim

Como o objetivo desta atividade era a realização de uma prenda para o dia da mãe, todas as crianças se revelaram motivadas e empenhadas na sua execução. Como se pode observar no quadro 10 tiveram mais dificuldades na realização da sequência destinada à decoração do suporte da moldura. Esta tarefa necessitou do meu acompanhamento na sua execução e colagem que se revelou difícil devido às dificuldades que apresentam ao nível da motricidade fina nomeadamente no caso da utilização do papel autocolante.

Nas etapas da elaboração do girassol/moldura verificaram-se maiores dificuldades em controlar alguns movimentos nomeadamente na colagem dos grãos de café porque eram muito pequenos e a cola era posta em excesso. H. revelou dificuldades no manuseamento da tesoura para efetuar os recortes. No final, o girassol/moldura e o seu suporte foi um sucesso e as crianças demonstraram bastante prazer em realizar esta atividade.

4.5.3.4. Vamos conhecer mais sobre as plantas.

A planificação encontra-se no Apêndice G.

- **Objetivos:**

- Conhecer as partes constituintes de uma planta/flor.
- Promover uma atividade experimental para descobrir como é que as plantas se alimentam.
- Fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental.
- Utilizar o desenho como forma de registar a experiência.
- Fazer contagens organizar e tratar dados.
- Reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto.

- **Áreas de conteúdo:**

- Conhecimento do Mundo.
- Expressão Plástica.
- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.
- Matemática.

- **Avaliação:**

- Observação direta do empenho/participação das crianças.
- Interação do grupo.
- Ficha de registo da experiência com recurso ao desenho e conclusões a que as crianças chegaram.
- Resultado da ficha de matemática relativa à experiência.

- **Descrição/Reflexão:**

Nesta semana a atividade que achei mais relevante foi a realização de uma atividade experimental para promover uma sensibilização às ciências e o desenvolvimento do espírito científico, dando às crianças a oportunidade de explorar o mundo que as rodeia e suscitar a sua curiosidade através de situações diversificadas de aprendizagem. De acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro, Pereira, o ensino das ciências deve garantir às crianças atividades que “permitam alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia”. (2009, p.12)

Sendo assim, realizámos a experiência que se denomina por “Vamos descobrir mais sobre as plantas?”. Para a sua realização foi preciso quatro jarras, água, corante vermelho e verde, anilina amarela, tesoura e vinte e quatro cravos. Enquanto eu e a educadora cooperante cortávamos o caule dos cravos para distribuir um a cada criança, sucedeu-se um diálogo a partir da pergunta “Como é que as flores vivem?” e obtive respostas como:

A.C. - *“As flores precisam de água para viver.”*

R.A.- *“Precisam de terra.”*

B.- *“Precisam de sol, mas não pode ser muito senão morrem.”*

M.F.- *“Elas também precisam de chuva para crescer.”*

(Diário de Bordo, 13 de maio de 2014)

Todas estas respostas refletem o conhecimento que cada criança tem sobre este tema e que surge da suas observações de situações do quotidiano.

De seguida, questionei as crianças sobre o tipo de flor que íamos utilizar para a realização desta experiência. Todas responderam que era uma rosa, expliquei-lhes que aquela flor se chamava cravo e nesta sequência referi que o cravo pode ter várias cores, no entanto escolhi o cravo branco para a realização da experiência. Entretanto, coloquei a mesma quantidade de água nas jarras e numa jarra coloquei o corante verde, noutra o corante vermelho, noutra a anilina amarela e deixei uma jarra só com água transparente. À medida que ia fazendo isso, as crianças iam dizendo as cores e ficaram surpreendidas pelo facto da água se misturar com os corantes e a anilina e estavam curiosos para saberem o que iria acontecer ali.

Primeiro, eu, a educadora cooperante e a auxiliar colocámos o nosso cravo na jarra que queríamos e disse às crianças que podiam colocar o seu cravo na jarra que mais gostavam, ordenadamente.



Figura 57 – Colocação dos corantes alimentares e da anilina nas jarras



Figura 58 – Colocação dos cravos nas jarras

No fim, a educadora cooperante chamou uma criança para contar quantas crianças estavam na sala, outra contou quantos cravos estavam na jarra de cor amarela, outra contou quantos cravos estavam na jarra de cor vermelha; outra contou quantos cravos estavam na jarra de cor verde, e por fim, outra contou quantos cravos estavam na jarra com a água transparente. De seguida, perguntei às crianças se tinha acontecido alguma coisa aos cravos e responderam-me que não tinha acontecido nada, a não ser que a água ficou vermelha, verde e amarela. Deixei ficar a seguinte pergunta no ar “O que acham que pode acontecer?” e disse-lhes que o melhor era esperar vinte e quatro horas para ver se acontecia alguma coisa tendo as crianças ficado impacientes.

Aproveitando este entusiasmo, foram distribuídas folhas de registo da experiência (Apêndice J) a cada criança tendo o cuidado de explicar o seu preenchimento. Assim, referi que tinham de observar as quatro jarras e fazer o desenho daquilo que tinham observado. Neste caso tinham de desenhar uma flor em cada jarra e as respetivas jarras no tópico que se denomina por “procedimento”. Este tipo de registos são importantes para ajudar a sistematizar as aprendizagens efetuadas. Segundo Silva, “A organização destes dados levará provavelmente à necessidade de usar formas de registo que permitam classificá-los e ordená-los – desenhos, gráficos, descrição escrita do processo.” (ME, 1997, p.83).

No dia seguinte, numa conversa de tapete, as crianças observaram de novo as jarras e ficaram fascinadas pois aperceberam-se que as flores sugaram a água ficando das cores da água que estava nas jarras. No dia anterior, já algumas crianças tinham feito referência

às flores estarem a mudar de cor. Provavelmente porque habitualmente quando se trabalha as ciências temos por hábito formular hipóteses sobre o que irá acontecer e no tapete as crianças já tinham dito que “As flores como bebem água se calhar iriam mudar de cor”.

Assim, fizeram a conclusão do registo da experiência, observando o fenómeno e desenhando no tópico “O que observámos passado um dia” com as respetivas cores. Apesar das crianças terem percebido e a ficha de registos estar adequada à faixa etária tendo sido elaborada sob orientação da educadora cooperante, a realização da mesma não foi fácil. Na realização da ficha de matemática relativa à experiência cujo tema era “os conjuntos” (Apêndice K) e que foi aplicada às crianças mais velhas, foi feita novamente a contagem dos cravos que estavam em cada jarra, para depois desenharem o número de flores e escreverem o respetivo número. Todas as crianças me pediram auxílio para a execução das fichas. Senti que não conseguiram realizá-las com o sucesso que eu desejava pelo que é um aspeto a melhorar no futuro.

- **Avaliação individual das crianças avaliadas**

Quadro 11 – Atividade 3: explorar Van Gogh - Vamos conhecer mais sobre as plantas.

Objetivos	Áreas de conteúdo	Nomes das crianças			
		H.	L.	J.P.	M.F.
Conhecer as partes constituintes de uma planta/flor.	- Linguagem Oral e Abordagem à escrita; - Conhecimento do Mundo; - Expressão Plástica; - Matemática.	Não	Não	Sim	Sim
Promover uma atividade experimental para descobrir como é que as plantas se alimentam.		Sim	Sim	Sim	Sim
Fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental.		Sim	Sim	Sim	Sim
Utilizar o desenho como forma de registar a experiência.		Não	Parcialmente	Parcialmente	Parcialmente
Fazer contagens organizar e tratar dados.		Não	Não	Sim	Sim
Reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto.		Não	Não	Sim	Sim

No decorrer desta atividade experimental, apenas as crianças mais novas (H. e L.) não conheciam as partes constituintes de uma planta (só sabiam que era uma flor. Todas elas revelaram curiosidade pelos fenómenos que iam observando (a mudança de cor da água) e participaram ativamente na sua realização.

O registo da experiência foi feito através de uma ficha onde tinham de registar o que tinham observado antes e depois da experiência. Constatou-se que houve dificuldades no seu preenchimento correto. Conseguiram compreender que a água sobe pelo caule das plantas e que ficam da cor da água onde foram colocadas.

Relativamente à ficha de matemática sobre a experiência do tingimento das flores, só foi feita por J.P. e M.F. que conseguiram concretizar o que era pretendido.

4.6. Discussão e Avaliação do Plano de Ação

Fazendo uma breve retrospectiva de todo o processo e tendo em conta a questão de investigação que está na base de todo este trabalho que se relembra “A implementação de atividades de Expressão Plástica integrada com as outras áreas curriculares, leva à promoção da aprendizagem e à motivação para a prática continuada destas atividades?” pode-se concluir que no grupo de crianças selecionadas a Expressão Plástica foi um veículo integrador das aprendizagens realizadas. O grupo de crianças atingiu globalmente os objetivos delineados mostrando-se receptivo a este tipo de atividades que documentaram o modo como o grupo interiorizou as aprendizagens efetuadas possibilitando a sua comunicação à comunidade educativa. Este aspeto está patente nas OCEPE (p.63) onde se encara a Expressão Plástica como “um meio de representação e comunicação” que permite “recriar momentos de uma actividade, aspectos de um passeio ou de uma história” sendo “meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e à comunidade o trabalho desenvolvido.”

O domínio da Expressão Plástica esteve presente em todas as atividades propostas sendo por isso transversal a todas as áreas e domínios potenciando a interdisciplinaridade com o objetivo das crianças ampliarem os seus conhecimentos realizando aprendizagens integradas e significativas. Na opinião de Oliveira (2007, p.67) “Estruturar os diversos conhecimentos e articulá-los com outras áreas de aprendizagem – interdisciplinaridade – também promove a agilidade do pensamento, na medida em que desenvolve estruturas de interpretação, explicação, análise e crítica”.

A educadora cooperante é da opinião que a articulação de conteúdos é imprescindível para o sucesso das aprendizagens das crianças pelo que procura que as suas atividades sejam o mais abrangentes possíveis e salientou a importância da Expressão Plástica como ferramenta lúdico-pedagógica que considera “um dos meios que a criança encontra de exteriorizar e comunicar, de forma particular, o modo como observa o mundo que a rodeia, manipulando a matéria, de forma criativa” (Anexo L).

Durante a realização das atividades exploraram-se várias técnicas de Expressão Plástica nomeadamente, o desenho, a pintura, a colagem, o recorte, referidas nas OCEPE. O domínio progressivo destas técnicas de Expressão Plástica “implica um controlo da

motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (ME, 1997, p.61).

No grupo de crianças da sala Azul, de um modo geral, foi visível a apropriação progressiva das técnicas de Expressão Plástica o que se refletiu nas suas produções artísticas decorrentes das atividades propostas. Uma vez que a Expressão Plástica possibilita a expressão de pensamentos, sentimentos e vivências de uma forma lúdica, as crianças aderiram a este tipo de atividades que lhes pode possibilitar, ainda, a aquisição e desenvolvimento de destreza manual. Na globalidade, o grupo representou graficamente através do desenho várias situações de aprendizagem com a preocupação de inserir pormenores, o que revelou sentido de observação como por exemplo na ilustração da experiência relativa aos estados físicos da água e a realização do autorretrato. Também conseguiu manusear vários materiais e utensílios específicos da área de Expressão Plástica nomeadamente, lápis, canetas de feltro, pincéis, tintas, tesoura, cola, entre outros, de acordo com a sua faixa etária daí que as crianças mais novas tenham tido algumas dificuldades que foram superadas com apoio da parte do adulto. A nível das outras áreas de conteúdo que foram trabalhadas articuladamente, também se pode constatar que as crianças desenvolveram e adquiriram conhecimentos de acordo com a sua faixa etária nomeadamente em Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Expressão Dramática, Conhecimento do Mundo, Matemática e Formação Pessoal e Social.

Nesta minha intervenção educativa, selecionei quatro crianças para fazer uma avaliação mais individualizada em todas as atividades que está discriminada no ponto 4.5. Implementação do Plano de Ação. Na opinião da educadora cooperante expressa na segunda entrevista (Anexo L), estas crianças revelaram-se, progressivamente, mais motivadas, recetivas e espontâneas em relação à realização de atividades de Expressão Plástica pelo que se pode concluir que houve uma evolução positiva. Estas atitudes podem ser comprovadas através dos registos fotográficos das atividades, dos Diários de Bordo e das observações diretas feitas em contexto, durante o desenrolar das atividades, feitas por mim (estagiária).

As crianças H. e L. devido ao seu perfil e à sua faixa etária revelaram alguma dificuldade na motricidade fina (recorte e colagem por exemplo). Contudo, no que diz

respeito à utilização da técnica da carimbagem conseguiram ser autónomos e realizar as atividades sem dificuldades e revelaram prazer na sua realização.

J.P. apesar de ser uma criança com necessidades educativas especiais conseguiu atingir os objetivos das atividades de Expressão Plástica de forma bastante positiva e autónoma apesar das suas características específicas.

M.F. revelou-se sempre uma criança participativa e empenhada na realização de todas as atividades, adquirindo e desenvolvendo conhecimentos na área de Expressão Plástica, demonstrando capacidades e competências essenciais à continuidade educativa e consequente transição para a escolaridade obrigatória.

De acordo com o acima referido, pode-se concluir que o plano de ação (que teve em conta as necessidades das crianças) foi implementado com êxito e que houve uma evolução na atitude das crianças face às atividades de Expressão Plástica. Com este plano, as crianças adquiriram conhecimentos e desenvolveram competências nas várias áreas de conteúdo previstas para a educação pré-escolar de forma integrada e articulada tal como é referido nas OCEPE que “ a construção do saber se processa de forma integrada, e que há interações entre os diferentes conteúdos e aspectos formativos que lhes são comuns.” (ME, 1997, p.48).

5. Reflexões Finais

A prática pedagógica que realizei no Jardim de Infância da Várzea de Sintra tem muitas e variadas implicações na minha futura prática profissional visto que me permitiu o contacto com a prática letiva do pré-escolar e acompanhar e participar na rotina diária educativa de um grupo de alunos sob a orientação da educadora cooperante e da professora Celeste Rosa.

Neste período de tempo pude vivenciar um conjunto diversificado de experiências de prática letiva: pude observar o funcionamento e a dinâmica de uma sala com todas as suas rotinas e regras de comportamento instituídas; o modo como o espaço está organizado e de que modo isso proporciona a autonomia das crianças e a sua interação com os diferentes objetos e materiais; o processo de ensino e aprendizagem que é organizado e planificado a partir dos conhecimentos, saberes e necessidades das crianças, numa perspetiva globalizante e integrada, para que promova uma aprendizagem significativa, para citar alguns exemplos. Uma coisa é ter o conhecimento teórico, outra coisa é aplicar esse conhecimento na prática letiva e adquirir experiência em contexto. Deste modo o estágio reveste-se de particular importância tal como é referido por Teresa Vasconcelos (2011, p.7) “a prática pedagógica é uma dimensão fundamental no processo de formação de professores e educadores de infância, a sua componente “assumidamente profissionalizante” (Formosinho (2001) ”

Considero que ao longo deste período de tempo junto do grupo de crianças e com o apoio da educadora cooperante, consegui desenvolver as atividades trabalhando de uma forma transversal e globalizante todas as áreas de conteúdo preconizadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar com especial relevância ao nível da Expressão Plástica. A promoção da interdisciplinaridade faz com que as aprendizagens realizadas pelas crianças não sejam dispersas, mas significativas e integradas. Deparei-me no entanto com algumas dificuldades no decorrer da minha prática como por exemplo as limitações de tempo que impediram muitas vezes a sequência das atividades realizadas.

Empenhei-me para que o processo de ensino e aprendizagem fosse o mais adequado e motivador possível de forma a promover o sucesso escolar. Mostrei-me sempre disponível às solicitações das crianças quer no decurso da realização de atividades quer em qualquer outra situação do dia a dia escolar assim como procurei estimular e desenvolver atitudes de colaboração/cooperação, partilha, responsabilidade e respeito entre si.

Considero que me integrei bem nesta comunidade educativa assim como fui bem acolhida tanto pelas crianças, como pelas educadoras e assistentes operacionais e participei ativamente em todas as atividades do Jardim de Infância previstas, tendo cumprido todas as tarefas que me foram solicitadas. A educadora cooperante sempre me apoiou e orientou no decurso da minha prática letiva mostrando-se sempre disponível e atenta às minhas necessidades. Integrou-me nesta comunidade educativa e proporcionou-me o contacto com a rotina diária de um Jardim de Infância em todos os seus aspetos: pedagógicos, organizacionais e sociais. Considero que este trabalho colaborativo foi uma vantagem para a minha formação porque privilegiou a partilha de saberes e de experiências.

Para terminar, penso que estes estágios são uma mais-valia na nossa formação. Contribuem para o nosso desenvolvimento no contexto em questão e para a nossa formação académica e profissional, dando-nos uma visão do que é ser educadora de infância e de todas as questões inerentes a esta profissão.

6. Referências Bibliográficas

Araújo, C., Pinto, E., Lopes, J., Nogueira, L., Pinto, R. (2008). *Estudo de Caso*. (Trabalho de Mestrado em Educação). Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga. Acedido em http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf

Círculo de Leitores (Eds.) (1987) *Lexicoteca – Moderna Enciclopédia Universal* (Vol. VII),

Constituição da República Portuguesa acedido em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

Declaração dos Direitos da Criança acedido em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>

Decreto_Lei nº 344/90 de 2 de Novembro acedido em <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19903311%20&v02=&v01=2&v03=1900-01-01&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11=%27Decreto-Lei%27&v12=344/90&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar>

Departamento da Educação Básica Núcleo de Educação Pré-Escolar (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dias, C.M.A. (2012). *Expressão Plástica: Práticas e Dinâmica em Contexto de Ensino Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico* (Relatório de estágio). Universidade dos Açores: Ponta Delgada acedido em

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2279/1/DissertMestradoCarlosManuelAmaralDias2013.pdf>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, acessado em <http://www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7%C3%A3o>

Direção Geral de Investigação e Desenvolvimento Curricular, *Metas de Aprendizagem do Pré-Escolar*. (2012). Lisboa: Ministério da Educação.

Filipe, C. (s/d). *Relatório de Estágio de Mestrado*. Universidade da Madeira: Funchal
acessado em <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/357/1/MestradoCarinaFilipe.pdf>

Forneiro, M.L.I. (2008, Maio-Agosto). Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en Educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. *Revista Ibero Americana de Educação*, nº 47, s/p. acessado em <http://www.rioei.org/rie47a03.htm>

Freixo, M.J.V. (2010). *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*, Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade

Godinho, J. (2010). *As Artes no Jardim de Infância – Textos de apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação, Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Lisboa

Harms, T., Clifford, R. & Cryer, D. (2008) *Escala de Avaliação do ambiente em Educação de Infância*. Edição revista (tradução de...). Porto: Livpsic/Legis Editora.

Katz, L. & Chard, S. (2009). *A Abordagem por Projectos na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lei nº46/86 de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo) acedido em <http://www.sec-geral.mec.pt/index.php/educacao-e-ciencia-em-portugal/legislacao-e-regulamentacao-da-educacao/lei-de-bases-do-sistema-educativo>

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., Couceiro, F., Pereira, S. (2009). *Despertar para a Ciência – Atividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.

Oliveira, M. (2007). *A Expressão Plástica para a compreensão Da Cultura Visual. Saber (e) Educar*, 12, 61-78. acedido em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/6/SeE12A_ExpressaoMonica.pdf?sequence=3

Oliveira e Serrazina. *A reflexão e o professor como investigador* (s/d) acedido em www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/fp/...p/02-oliveira-serraz.doc

Ponte, J. P. (2002). Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM acedido em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/ponte02.pdf>

Read, H. (2007). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70

Rosa, M.C. (2010, Dezembro). “*A Educação Artística e o Sistema Educativo*” apresentada no Centro Nacional de Cultura, Lisboa, Portugal acedido em http://www.clubeunescoedart.pt/files/Texto%20Carmelo%20Rosa_.pdf

Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas.* (Vol.1). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, A. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. Música e Artes Plásticas.*(Vol.3). Lisboa: Instituto Piaget.

Sousa, Alberto B. (2009). *Investigação em Educação.* Lisboa: Livros Horizonte, 2ª edição.

Vasconcelos, T., et al, (2011). *A prática pedagógica como projecto transdisciplinar na formação inicial: projecto interdisciplinar /metodologias integradas* acedido em <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/143/1/A%20pr%C3%A1tica%20pedag%C3%B3gica%20como%20projecto%20transdisciplinar%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20inicial.pdf>

Vasconcelos, T., et al, (2011). *Trabalho por Projectos na Educação de Infância: Mapear Aprendizagens/Integrar Metodologias.* Lisboa: Edições Ministério da Educação.

Apêndices

Apêndice A – Entrevista exploratória à Educadora Cooperante

1. No início do ano letivo, as crianças procuravam a área da Expressão Plástica?

Educadora: As crianças que entraram este ano para o Jardim de Infância não procuravam a área da pintura, as plasticinas e as digitintas, assim como todo o conjunto de materiais relacionados com a Expressão Plástica. No entanto, as crianças que frequentaram anteriormente o Jardim de Infância, já procuraram mais a área do faz de conta/casinha, da modelagem, do espaço de informática, do desenho livre e da pintura sendo esta a ordem de preferência.

2. Encontra alguma razão para esta diferença do ano passado para este ano letivo?

Educadora: Não há relação nenhuma na medida em que as crianças que manifestam estas características entraram este ano. As do ano letivo passado continuaram a procurar as áreas naturalmente.

3. Acha que os Encarregados de Educação exploram a área da Expressão Plástica em casa com as crianças?

Educadora: Após uma breve conversa com as crianças, em grande grupo, concluí que as crianças não tinham contacto pois eram imensos os fatores contra.

4. Quais os motivos que a levaram a essa conclusão?

Educadora: Cheguei a essa conclusão quando perguntei às crianças porque não queriam ir para aquela área e as respostas foram: “Porque em casa não tenho jogos e aqui tenho.”; “Porque não me posso sujar porque a minha mãe ralha.”; “Porque não sei pintar.”; “Porque os meninos grandes pintam melhor que eu.”; “Porque a plasticina suja as unhas.” e “Porque não tenho bata.”.

5. Como reagiram as crianças quando lhes era pedido para elaborarem atividades de Expressão Plástica?

Educadora: As crianças elaboravam os trabalhos mas era notória uma certa imposição, pois caso contrário não faziam. Foi um processo demorado para que as crianças começassem a desfrutar deste tipo de atividades.

Ainda no outro dia, ao tentar fazer com eles a pasta de papel, com o grupo de crianças mais novas (3 anos) foi difícil rasgarem o papel. Não por questões motoras, mas porque diziam que não se rasga o papel. Expliquei que neste caso podíamos rasgar para daí fazermos outras atividades, neste caso um ovo da Páscoa. Lá acabaram por aderir à atividade e a mesma decorreu de uma forma positiva.

6. Como se comportam atualmente as crianças relativamente às atividades de Expressão Plástica?

Educadora: Atualmente já procuram este tipo de atividades de uma forma mais espontânea. Existem algumas crianças que revelam alguma resistência em relação à escolha da plasticina, embora a manuseiem, não a procuram e não ficam muito tempo a investir nas potencialidades deste material.

7. Quais as atividades e como as implementa?

Educadora: As atividades mais procuradas são a pintura (pincel no cavalete) e os recortes. Muitas vezes estas atividades são sugeridas apesar dos materiais se encontrarem sempre à disposição das crianças e de receberem sempre reforços positivos quando as utilizam.

Apêndice B – Autorização dos Encarregados de Educação

Autorização

Ex.mos Senhores Enc. De Educação,

Sou aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar do Instituto Superior de Ciências Educativas e no presente ano letivo, estou a estagiar no JI da Várzea de Sintra, na sala azul da responsabilidade da educadora Sandra Guerreiro.

Neste âmbito, irei desenvolver atividades que deverei documentar com fotografias, gravações de vídeo, entre outros, dos vossos educandos pelo que solicito a vossa autorização para as realizar. Saliento que este material só será utilizado em contexto escolar.

Agradeço desde já a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,


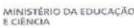


Joana Feiteira

Sim, autorizo.

Não autorizo.

Enc. De Educação _____ do aluno
_____. Data ____/____/2013

Apêndice C – Autorização do Agrupamento de Escolas D. Carlos I

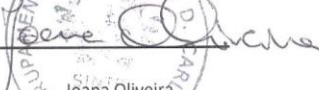


AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. CARLOS I

EB1 c/ JI D. Carlos I • EB1 de Várzea de Sintra • JI de Várzea de Sintra • EB1 c/ JI do Ral • EB1 c/ JI de Lourel • JI de Morelinho

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que a aluna estagiária Joana Feiteira do ISCE esteve no decorrer deste ano letivo a realizar estágio no jardim de infância da Várzea de Sintra, tem permissão da diretora do Agrupamento de Escolas D. Carlos I para utilizar fotos e trabalhos do estabelecimento de educação na apresentação dos seus trabalhos de mestrado.

A Diretora

Joana Oliveira

Sintra, 19 de junho de 2014

Apêndice D – Planificação da Atividade 1 - O ciclo da água

Local de Prática: Jardim-de- Infância da Várzea de Sintra, sala 2		Atividade 1 – O ciclo da água					
Educadora Cooperante: Sandra Guerreiro		Data: 16, 30 e 31 de Janeiro de 2014					
Grupo Etário: 3 aos 6 anos							
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Linguagem Oral e Escrita	Compreensão de discursos orais e interação verbal	Proporcionar uma situação de comunicação em grande grupo;	Leitura da história “A menina Gotinha de água” acompanhada de figuras dos elementos da natureza presentes (gota de água, sol, nuvem branca e nuvem escura/chuva); Verificação da compreensão da história através de perguntas colocadas às crianças;	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante ✓ Crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ História “A menina Gotinha de água” de Papiniano Carlos; ✓ Figuras dos elementos da natureza realizadas com cartolina azul clara, cartolina amarela, papel canelado reciclado branco; 	15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta do empenho das crianças; ✓ Diálogo para verificação da compreensão da história;
Conhecimento do mundo	Dinamismo das inter-relações natural social (meta 34)	Adquirir conhecimentos sobre o tema (estado sólido, líquido e gasoso);	Recapitulação dos estados físicos da água a partir da história;		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Lápis de cera; ✓ Canetas de feltro; ✓ Tesoura; ✓ Fita-cola; ✓ Linha branca; ✓ Cola; 	10min.	

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Expressão Dramática	Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação (meta 11)	Dramatizar a partir de uma história seguindo as instruções; Promover atividades que, no domínio do jogo dramático, permitam o desenvolvimento da expressão corporal, de forma a desenvolver a capacidade narrativa e a comunicação verbal e não-verbal.	Distribuição das gotinhas de água por cada criança; Sessão de movimento através do Método Laban da viagem da gotinha (o ciclo da água); Dramatização da história;	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante; ✓ Crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Paus de espetada; ✓ Gotas de água feitas com cartolina azul clara para pôr ao pescoço; ✓ Fio azul; ✓ Computador; ✓ Ficheiro com músicas; 	60min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Empenho na realização da atividade; ✓ Exploração dos parâmetros do corpo, esforço, forma e relação; ✓ Atenção e concentração demonstradas no seguimento das instruções;

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e comunicação (meta 1)		Pintura de expressões faciais na cara da gotinha de água distribuída a cada criança para pôr ao pescoço;		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Lápis de cor; ✓ Folhas A4 brancas; 	10min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta do empenho das crianças; ✓ Observação das ilustrações das expressões faciais feitas pelas crianças;
	Apropriação da linguagem elementar das artes (meta 5)	Desenvolver a motricidade fina; Promover a correta manipulação dos materiais; Desenvolver a criatividade;	Desenho de uma composição representando a menina gotinha de água e a natureza, com base no desenvolvimento da história (mar e/ou terra, céu, sol, gotas, etc.)	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante; ✓ Crianças. 		15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Compreensão da história a partir do desenho; ✓ Representação da tipologia (saber se sabem onde desenham os elementos da natureza);
Conhecimento do Mundo	Dinamismo das inter-relações natural-social (meta 13)	Reconhecer os diferentes estados físicos da água; compreender a passagem do estado líquido a gasoso; Desenvolver o espírito científico.	Realização de uma experiência sobre a mudança de estados físicos da água (estado líquido para o estado gasoso);		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Computador; ✓ Projetor; ✓ Chaleira elétrica; ✓ Prato; ✓ Espelho; ✓ Água; ✓ Lápis de cor; ✓ Folhas A4; 	15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Comentários das crianças no desenrolar da experiência; ✓ Registo da experiência;
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Com. (meta 1)	Registrar a experiência em desenho	Realização do registo através do desenho;			15min.	

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e comunicação (meta 1)	Desenvolver a motricidade fina; Promover a correta manipulação dos materiais;	Visualização de um PowerPoint sobre o ciclo da água;		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Computador; ✓ Projetor; ✓ Papel cenário; ✓ Tintas acrílicas (cor preta, branca, azul, verde, castanha); 	15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Empenho revelado na realização da atividade; ✓ Interação em grupo; ✓ Domínio das técnicas de expressão plástica e manuseamento de materiais.
	Apropriação da linguagem elementar das artes (meta 5)	Desenvolver o domínio de algumas técnicas de Exp. Plástica; Desenvolver a criatividade e o sentido estético;	Recriação de um mural em grupo sobre o ciclo da água recorrendo a técnicas como pintura com esponja ou pincéis, colagem e rasgagem.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante; ✓ Crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Papel crepe branco; ✓ Pincéis; ✓ Esponjas; ✓ Algodão; ✓ Cola; ✓ Figuras de elementos da natureza para decorar; ✓ Lápis de cor; ✓ Canetas de feltro. 	3h00	

Apêndice E – Planificação da Atividade 2 – Já é Primavera:

- Carimbagem de Flores com garfos

Local de Prática: Jardim-de- Infância da Várzea de Sintra, sala 2		Atividade 2 – Já é Primavera: Carimbagem de Flores com garfos					
Educadora Cooperante: Sandra Guerreiro		Data: 20 de Março de 2014					
Grupo Etário: 3 aos 6 anos							
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação	Promover a expressão e comunicação plástica; Explorar e descobrir diferentes meios, materiais e técnicas;	- Atividade dirigida: a partir de uma conversa em grande grupo sobre a primavera surge a ideia de fazer flores com garfos. Decalque na folha a forma do garfo, com o dedo faz-se o caule.		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Folhas brancas; ✓ Tinta acrílica verde, cor de laranja, cor-de-rosa, amarela e azul; 	60min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Resultado dos trabalhos elaborados; ✓ Observação do manuseamento dos materiais e das técnicas utilizadas;
	Desenvolvimento da criatividade	Desenvolver a criatividade.		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante ✓ Crianças; ✓ Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 4 Garfos de plástico; ✓ Pá; ✓ Sementes; ✓ Regador; ✓ Água. 		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação do manuseamento dos materiais e das técnicas utilizadas; ✓ Verificação dos conhecimentos através de perguntas sobre a primavera feitas às crianças;
Formação Pessoal e Social	Cooperação; Convivência Democrática/Cidadania.	Partilha de saberes; Interajuda; Sensibilizar as crianças pela conservação da natureza e do ambiente;	-Atividade dirigida no exterior: plantação de sementes.			60min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Participação/empenho na atividade de plantação.
Conhecimento do Mundo	Localização no espaço e no tempo; Conhecimento do ambiente natural e social	Saber a constituição da planta;					

Apêndice F – Planificação da Atividade 2 – Já é Primavera:

- Germinação do feijão

Local de Prática: Jardim-de- Infância da Várzea de Sintra, sala 2		Atividade 2 – Já é Primavera: Germinação do feijão					
Educadora Cooperante: Sandra Guerreiro		Data: 07 de Maio de 2014					
Grupo Etário: 3 aos 6 anos							
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Ambiente Natural e Social	Identificar a origem de um dado material vegetal; Reconhecer o processo de germinação e o crescimento das plantas;	- Visionamento dos vídeos “Constituição das plantas” e “Charlie e Lola As Plantas”; - Consolidação dos vídeos através de perguntas sobre as plantas;		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Projetor; ✓ Portátil; ✓ Video “constituição das plantas”, “Charlie e Lola As Plantas”; ✓ Livro “João e o Feijoeiro Mágico” da autoria Richard Walker e Niamh Sharkey, editora Horizonte; 	15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Resposta das crianças às questões colocadas; ✓ Resultado dos trabalhos elaborados; ✓ Observação do manuseamento dos materiais e das técnicas utilizadas;
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão de discursos orais e interação verbal	Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem os seus conhecimentos; Proporcionar o contacto com a linguagem escrita;	- Leitura da história “João e o Feijoeiro Mágico” para iniciar a atividade seguinte;	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante ✓ Crianças; ✓ Auxiliar. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Copos de plástico transparente; ✓ Caneta de acetato; ✓ Terra; ✓ Feijões; ✓ Água; ✓ Folhas; 	15min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Empenho e participação na atividade.

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Ambiente Natural e Social	Reconhecer o processo de germinação e o crescimento das plantas;	-Atividade dirigida: germinação de um feijão (distribuimos os copos por cada criança devidamente identificados; encheram o seu copo com terra, uma de cada vez coloca três feijões dentro do seu copo e no final pusemos água).		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Canetas de feltro; ✓ Lápis de cor; ✓ Cola; ✓ Tesoura; ✓ Cartolina; ✓ Pau de espetada. 	30min.	
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação; Desenvolvimento da criatividade	Promover a expressão e comunicação plástica; Desenvolver a criatividade.	- Distribuimos folhas brancas para as crianças fazerem o seu castelo, colámos numa cartolina e recortámos. Para concluir colámos um pau de espetada e espetámos no copo.			15min.	

Apêndice G – Planificação da Atividade 3 – Explorar Van Gogh

Local de Prática: Jardim-de- Infância da Várzea de Sintra, sala 2			Atividade 3 – Explorar Van Gogh				
Educadora Cooperante: Sandra Guerreiro			Data: 22, 23,24, 29 e 30 de Abril,				
Grupo Etário: 3 aos 6 anos			13, 14 e 15 de Maio				
Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal	Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças exprimam/ partilhem os seus conhecimentos; Estimular a aquisição de vocabulário novo	- Apresentação de um PowerPoint para introduzir o tema: - Conversa em grande grupo sobre “ O que é um pintor?” - Apresentação de alguns pintores e respetivas obras; - Apresentação da biografia de Van Gogh - Visionamento de dois videos sobre a vida e obra deste pintor.	✓ Estagiária; ✓ Educadora Cooperante; ✓ Auxiliar; ✓ Crianças.	✓ PowerPoint sobre pintores; ✓ Videos “Fazer arte Van Gogh” e “ A galeria de arte de massinha Vincent Van Gogh” ✓ Computador ✓ Projetor ✓ Papel ✓ Tintas de várias cores	30 min.	✓ Observação direta das crianças; ✓ Participação nas atividades propostas. ✓ Resultado final da recriação da obra realizada pelas crianças.
Conhecimento do mundo	Conhecimento do Ambiente Natural e Social	Conhecer a vida e obra de Van Gogh					
Expressão Plástica	Compreensão das Artes no contexto Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Com.	Proporcionar o contacto com obras de arte de alguns pintores e principalmente de Van Gogh Desenvolver a criatividade e o sentido estético	- Observação da obra de arte “Os girassóis” de Van Gogh chamando a atenção para as cores e formas; - Recriação da obra pelas crianças utilizando a carimbagem com as mãos e dedos.				

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Expressão Plástica	Compreensão das Artes no contexto; Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Com.	Proporcionar o contacto com obras de arte de alguns pintores e principalmente de Van Gogh Desenvolver a criatividade e o sentido estético	- Atividade dirigida: conversa em grande grupo sobre o que tínhamos falado anteriormente. A partir daí, fazer o autorretrato fazendo a observação com um espelho.		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Espelho ✓ Papel crepe amarelo; ✓ Cartão de embalagens de cereais ✓ Cartolina verde 	20 min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Participação nas atividades propostas.
	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Com.	Promover a expressão e comunicação plástica; Utilizar várias técnicas manuais como corte, colagem, montagem e pintura Desenvolver a criatividade; Desenvolver a motricidade fina.	Elaboração de uma prenda para o dia da Mãe: girassol/moldura - Pintar o pau de espetada com a tinta verde; - Cortar 2 círculos: um em cartão, outro em cartolina; - Fazer uma franja com pequenos cortes nos quadrados de papel crepe previamente recortados e colá-los ao lado uns dos outros a toda a volta do círculo de cartão e repetir; - Fixar o espeto na parte de trás do girassol e por cima colar o círculo de cartolina verde. - Para finalizar, colar a fotografia da criança e contornar com grãos de café.		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Paus de espetada ✓ Cola ✓ Fita-cola ✓ Tinta verde ✓ Pincéis ✓ Fotografia de cada criança ✓ Grãos de café. 	4h30	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Capacidade de manuseamento dos materiais.

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Matemática	Geometria e Medida	Desenvolver o raciocínio lógico-matemático; Identificar formas geométricas (triângulos e quadrados); Criar padrões;	Decoração do suporte do girassol (garrafa de iogurte) com recurso a padrões com formas geométricas criados pelas crianças		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Garrafas de iogurte ✓ Papel autocolante de várias cores 	20 min.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Participação nas atividades propostas. ✓ Capacidade de manuseamento dos materiais. ✓ Resultado Final do girassol realizado pelas crianças.
Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Ambiente Natural e Social	Verificar conhecimentos adquiridos anteriormente Conhecer as partes constituintes de uma planta/flor; Saber como se alimentam as plantas; Sensibilizar a criança para a metodologia experimental;	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade dirigida: Conversa em grande grupo sobre os conhecimentos adquiridos pelas crianças sobre as plantas. - Distribuição de um cravo por cada criança; - Chamar atenção para as partes coconstituintes de uma flor; - Realização da experiência “Vamos descobrir mais sobre as plantas?” em grande grupo: - Corta-se o pé (caule) dos cravos; - Coloca-se água nos jarros; 				<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação direta das crianças; ✓ Capacidade de observação e atenção; ✓ Participação nas atividades propostas.

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Conhecimento do mundo	Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social Conhecimento do Ambiente Natural e Social	Promover atitudes de conservação da natureza e preservação do ambiente Promover a curiosidade natural da criança; Desenvolver a capacidade de observar.	- Junta-se corante/ anilina; - Cada criança coloca o seu cravo num jarro à escolha;		<ul style="list-style-type: none"> ✓ 24 Cravos brancos ✓ 4 Jarras de vidro transparentes ✓ Corante/ Anilina ✓ Água ✓ Tesoura ✓ Ficha de registo da experiência 		✓ Ficha de registo da experiência e conclusões a que as crianças chegaram.
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Compreensão de Discursos Oraís e Interação Verbal	Proporcionar uma situação de comunicação onde as crianças expressem/ partilhem os seus conhecimentos; Estimular a aquisição de vocabulário novo					

Área de conteúdo	Domínios	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos		Duração	Avaliação
				Humanos	Materiais		
Matemática	Números e Operações	Fazer contagens, organizar e tratar os dados obtidos;	- Realização de contagens (das crianças que estavam na sala e do número de flores em cada jarra);			10min.	
Expressão Plástica	Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Comunicação;	Desenvolver a capacidade de observação;	- Registo da experiência no próprio dia e no dia seguinte;			15min.	
Matemática	Números e Operações	Fazer contagens, organizar e tratar dados; Reconhecer os números como identificação do número de objetos de um conjunto.	- Atividade dirigida: ficha de matemática sobre os conjuntos, relativa à experiência.			30min.	

Apêndice H - PowerPoint sobre o ciclo da água

1



2



4



3



Apêndice I – PowerPoint “O que é um pintor?”

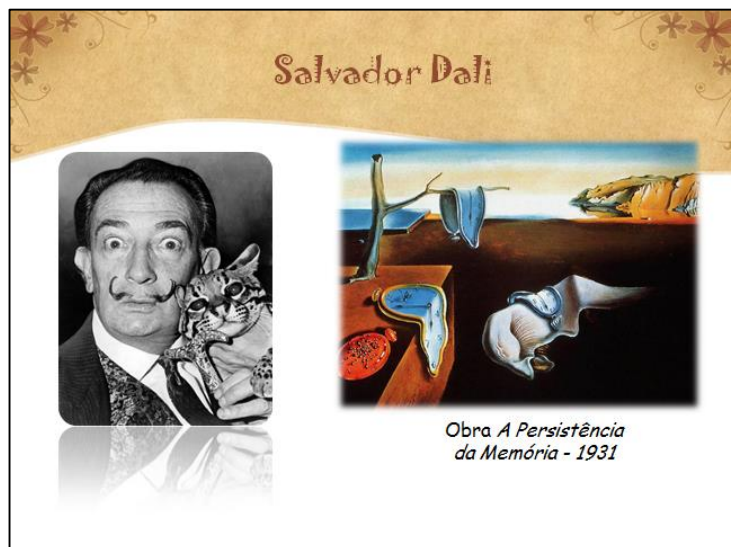


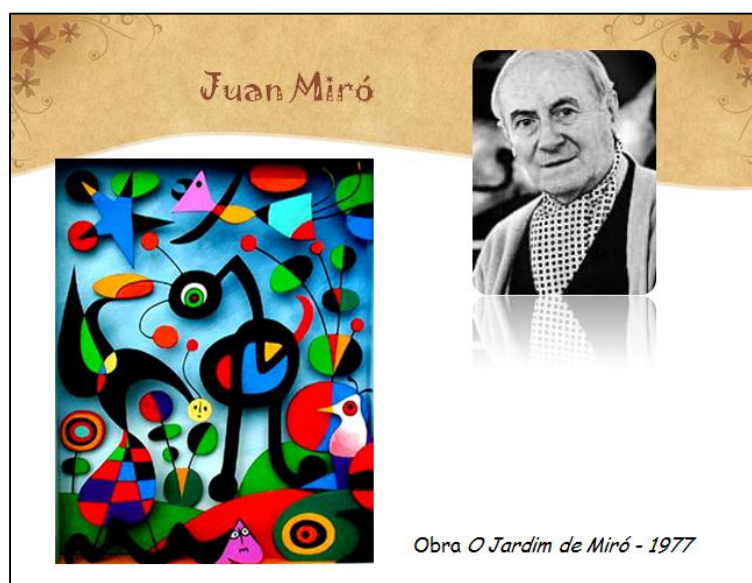
Um pintor é...

uma pessoa que domina e exerce a arte de pintar, cuja a profissão é pintar.

Existem vários pintores artísticos, como por exemplo:

- Leonardo da Vinci;
- Salvador Dali;
- Pablo Picasso;
- Wassily Kandinsky;
 - Maluda;
 - Juan Miró;
 - Van Gogh;
 - (...)





Van Gogh




Vincent Van Gogh foi um pintor holandês que nasceu há muito tempo no século XIX.

Para desenvolver a sua arte foi viver para a Bélgica e depois para a França onde contactou com pintores franceses que influenciaram o seu trabalho.

Deixou de utilizar cores escuras nas suas obras para utilizar cores claras e vibrantes.

Este pintor só ficou mais conhecido depois da sua morte e hoje tem um museu em sua honra em Amesterdão (Holanda) Museu Van Gogh.

Van Gogh



Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=Kcpk1URcO2Y&hd=1>





Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=qjK32BNTHgw&hd=1>

Apêndice J – Ficha de registo da experiência concluída.

Experiência: Vamos descobrir mais sobre as plantas?

Nome Carolina

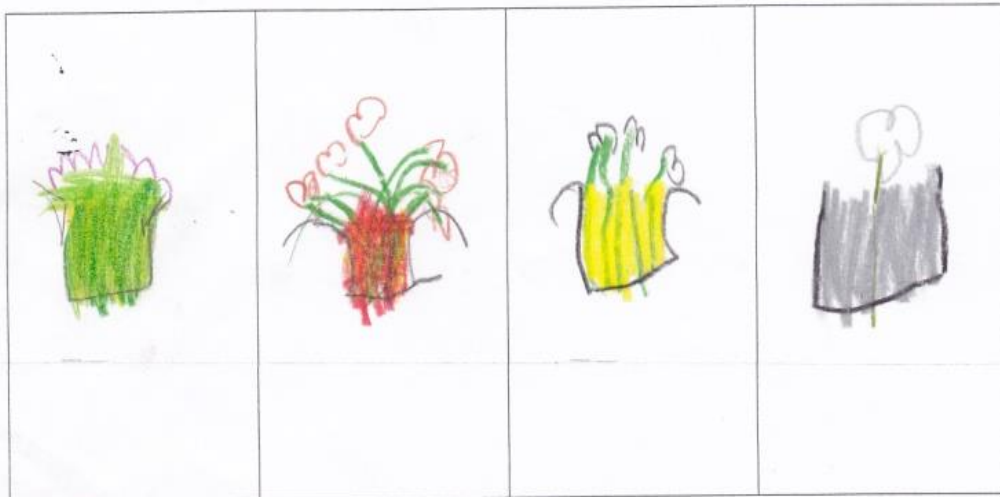
Material : 4 jarros de vidro

24 cravos brancos

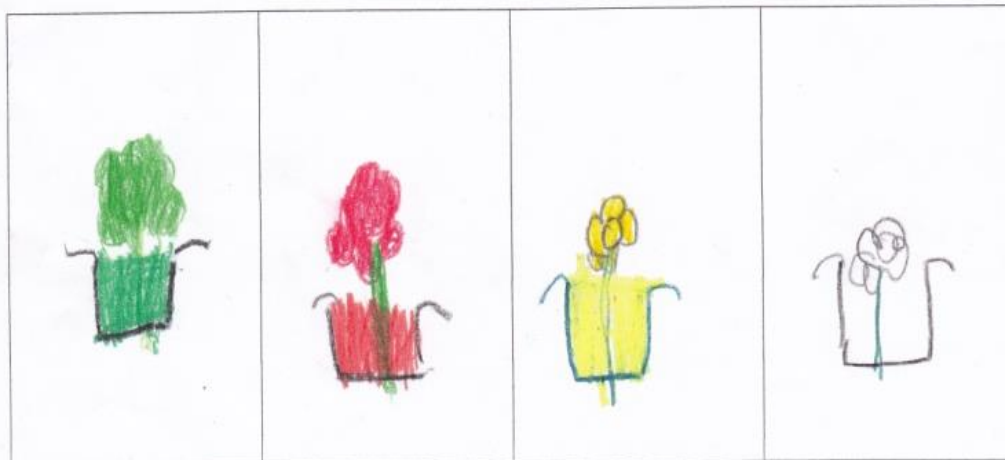
Anilina amarela e corante verde e vermelho

Água

Procedimento:

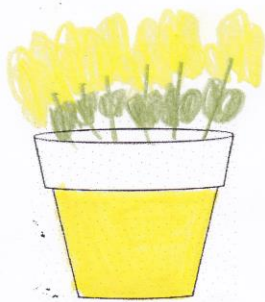


O que observamos passado um dia:



Apêndice K – Ficha de Matemática relativa à experiência (conjuntos).

Quantas flores há nas jarras? De seguida, desenha-as e escreve o número.



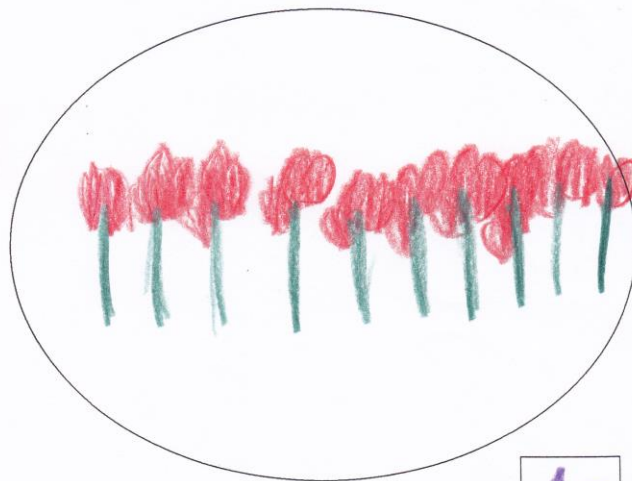
6



6

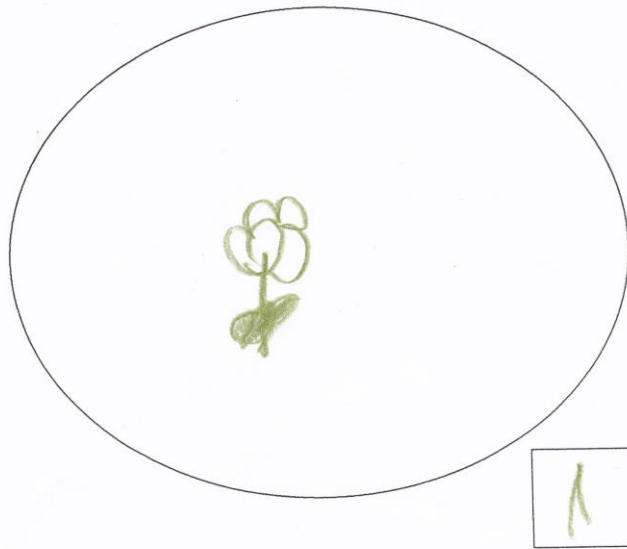
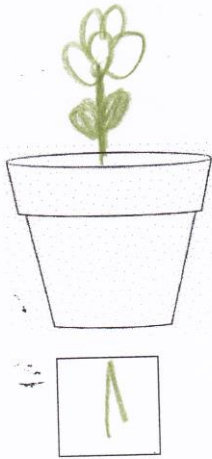


10



10

BEATRIZ



Beatriz Aguiar de
BEATRIZ

Apêndice L – Segunda entrevista à Educadora Cooperante

- 1. Durante este ano letivo pude pôr em prática atividades diversificadas que visavam promover a Expressão Plástica e a sua articulação com as outras áreas de conteúdo de forma a potenciar as aprendizagens. Acha que este objetivo foi atingido?**

Educadora: Sim, considero que as atividades que promoveu foram bastante enriquecedoras e abrangentes.

- 2. Quando prepara atividades deste tipo, também procura articular as várias áreas de conteúdo?**

Educadora: Claro, Tenho sempre o cuidado que as minhas planificações sejam o mais abrangentes possíveis.

- 3. Na sua opinião, quais as mais-valias das atividades de Expressão Plástica para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças?**

Educadora: A Expressão Plástica é um dos meios que a criança encontra de exteriorizar e comunicar, de forma particular, o modo como observa o mundo que a rodeia, manipulando a matéria, de forma criativa.

- 4. Tendo em conta o início do ano letivo, acha que houve uma evolução das crianças na sua relação com as atividades de Expressão Plástica, isto é, mostraram-se mais recetivas à sua realização?**

Educadora: Sim, tal como pode verificar na avaliação das suas atividades, progressivamente as crianças foram-se mostrando mais motivadas e mais espontâneas.

- 5. E em relação às outras áreas de conteúdo que trabalhei, considera que também houve alguma evolução?**

Educadora: Sim.

- 6. Como educadora cooperante que acompanhou toda a minha prática letiva, como interpretou a reação do grupo de crianças às minhas propostas de atividades?**

Educadora: As crianças mostraram-se sempre recetivas.